

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PENSAMENTO POLÍTICO  
BRASILEIRO**

***VEJA* FERNANDO HENRIQUE CARDOSO:  
“GRANDE TACADA”  
A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO POLÍTICO**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**VANDERSON MARTINS BARBOSA**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2005**

**VEJA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO:  
“GRANDE TACADA”  
A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO POLÍTICO**

**Por**

**Vanderson Martins Barbosa**

Monografia Apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em  
Pensamento Político Brasileiro, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Pensamento Político Brasileiro**

Orientado por: Prof Reginaldo Teixeira Peres

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Pensamento Político Brasileiro**

A comissão examinadora, abaixo assinada, Aprova a Monografia de Especialização

**VEJA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO:  
“GRANDE TACADA”  
A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO POLÍTICO**

elaborada por  
**Vanderson Martins Barbosa**

Como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Especialista em pensamento político Brasileiro

**COMISSÃO ORGANIZADORA:**

**Reginaldo Teixeira Perez, Dr**  
(Presidente/Orientador)

**Mara Regina Rodrigues Ribeiro, Especialista (ULBRA)**

**Luís Gustavo M. Grohmann, Dr (UFSM)**

Santa Maria, 20 de dezembro de 2005.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>1. AS CONDIÇÕES SOCIO POLÍTICAS DO BRASIL NO PERÍODO 1985 À 1994..</b>	<b>05</b>
1.1 Introdução.....	05
1.2 O Governo de José Sarney (1985-1990).....	05
1.3 O Governo Fernando Collor de Mello (1990-1992).....	08
1.4 O Governo de Itamar Franco (1992-1994).....	10
1.5 Considerações Finais.....	11
<b>2. O MINISTRO DA FAZENDA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO E A REVISTA VEJA: A ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE UM CANDIDATO (1993)....</b>	<b>12</b>
2.1 Introdução.....	12
2.2 Um novo ministro da Fazenda.....	13
2.3 O dia a dia no ministério.....	17
2.4 O lançamento do plano Real.....	22
<b>3. LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA – O ANTICANDIDATO DA REVISTA VEJA (1994).....</b>	<b>27</b>
3.1 Introdução.....	27
3.2 O sapo barbudo.....	28
3.3 Caravana da cidadania.....	29
3.4 O brilho que assusta.....	34
3.5 Na reta final as denúncias .....	38
<b>4. VEJA: AS ELEIÇÕES DE 1994 E FERNANDO HENRIQUE CARDOSO.....</b>	<b>44</b>
4.1 Introdução.....	44
4.2 O consenso das elites.....	44
4.3 Finalmente Candidato.....	47
4.4 O Real nas ruas.....	50
4.5 Fernando Henrique passa Lula.....	52
4.6 O preferido de <i>Veja</i> .....	56
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>60</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>66</b>

## **RESUMO**

Monografia de Especialização  
Programa de Pós-Graduação em Pensamento Político Brasileiro  
Universidade Federal de Santa Maria

**VEJA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO:  
“GRANDE TACADA”  
A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO POLÍTICO**

Autor: Vanderson Martins Barbosa

Orientador: Reginaldo Teixeira Peres

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 20 de dezembro de 2005.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a linguagem da revista *Veja* em relação à construção da imagem de Fernando Henrique Cardoso como candidato à presidência da República nas eleições disputadas no ano de 1994. Procurou-se analisar através da linguagem da revista *Veja* a maneira como se processa a representação positiva de Fernando Henrique e que instrumentais semiológicos ou lingüísticos são utilizados para tal. Da mesma forma, procurou-se também analisar de que maneira os candidatos adversários tiveram a sua imagem retratada com o intuito de contrastar com a de Fernando Henrique. Um dos pontos a ser enfatizado nesta pesquisa é destacar como o semanário *Veja* foi um canal de construção e transmissão da imagem de FHC. Conseqüentemente, é necessário saber como esse processo influenciou as eleições para a presidência da República no período examinado. O trabalho foi dividido em quatro capítulos tratando respectivamente: da revisão da literatura; de pesquisa e análise do semanário *Veja* no ano de 1993; de pesquisa e análise da construção da linguagem em torno de Luís Inácio Lula da Silva, candidato da oposição; de análise dos sentidos construídos sobre a figura de Fernando Henrique Cardoso na linguagem da revista *Veja* no ano de 1994.

Palavras-chaves: Política, Imprensa, Mídia, Eleições.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Programa de Pós-Graduação em Pensamento Político Brasileiro  
Universidade Federal de Santa Maria

**VEJA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO:  
“GRANDE TACADA”  
A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO POLÍTICO**

Autor: Vanderson Martins Barbosa

Orientador: Reginaldo Teixeira Peres

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 20 de dezembro de 2005.

This study aims to analyse *Veja* magazine language in relation to the construction of Fernando Henrique Cardoso image as a Republic President candidate in 1994 elections. It was analysed through *Veja* magazine language the way that Fernando Henrique Cardoso positive image was processed, as well as the linguistic or semiological tools that were used to accomplish this process. In addition, it was analysed the way that the opponent candidates had their images portrayed with the intention of contrasting with Fernando Henrique Cardoso image. One of the points emphasized in this research was to highlight how *Veja* magazine was a channel to the construction and transmission of FHC portrait. Consequently, it is necessary to know how this process influenced in the Republic presidency elections in the examined period. The research was divided in 4 chapters treating respectively about: literature review ; research and analysis of *Veja* magazine in 1993; research and analysis of language construction around Luís Inácio Lula da Silva, candidate from opposition; the analysis of the meanings built about FHC figure in *Veja* language in 1994.

Key words: Politics, Press, Midia, Elections

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a linguagem do semanário *Veja*<sup>1</sup> em relação à construção da imagem de Fernando Henrique Cardoso como candidato à presidência da República nas eleições disputadas no ano de 1994. O foco de análise do trabalho abrange o período compreendido entre 26 de maio de 1993 a 12 de outubro de 1994. Nesse intervalo, ocorreram a ocupação do cargo de Ministro da Fazenda pelo Ministro das Relações Exteriores Fernando Henrique Cardoso, sua posterior candidatura à presidência da República e, no final do período, a sua eleição à presidência do Brasil.

Ao analisar, através da linguagem da *Veja*, a construção da imagem de Fernando Henrique Cardoso, tentar-se-á entender de que maneira se processa a sua representação positiva e que instrumentais semiológicos ou lingüísticos são utilizados para tal. Também analisaremos a maneira como os candidatos adversários têm a sua imagem retratada com o intuito de contrastar com o “eleito do semanário”. Um dos pontos mais significativos nesta pesquisa é a ênfase que o semanário *Veja* construiu e transmitiu a imagem de FHC, e como, conseqüentemente, influenciou nas eleições para presidência da República no período examinado. É nesse aspecto que se encontra a importância deste tema e sua relevância quando verificamos a influência política que os meios de comunicação de massa possuem sobre a opinião pública.

A revista *Veja* como grande órgão de imprensa é um veículo de comunicação de massa, sendo um espaço para a veiculação de idéias, as quais devem estar acima de interesses pessoais. A esse respeito, busca a imparcialidade, a neutralidade como forma de seriedade profissional. Desse modo, a principal proposta do trabalho é questionar a ocorrência ou não de imparcialidade pela revista no que diz respeito à imagem de uma personalidade política importante: Fernando Henrique Cardoso.

Responder-se-á basicamente as seguintes questões: Em um primeiro momento, verificaremos que sentidos são construídos quando há referência a Fernando Henrique Cardoso nas matérias das edições analisadas no ano de 1993 quando o mesmo era Ministro da Fazenda. Posteriormente, observaremos como o semanário reportou Luís Inácio Lula da Silva

---

<sup>1</sup> VEJA, fundada em 1968 pertence à Editora Abril, maior empresa editorial do Brasil: “São cinco milhões de leitores e uma tiragem semanal de 1,25 milhão de exemplares por semana. Mais de oito mil correspondências chegam mensalmente à redação. É a quarta maior revista semanal do mundo, superada apenas pelas norte-americanas *Time*, inspiração para sua criação, *Newsweek*, *U.S. News* e *World Report*” [www.canaldaimprensa.com.br](http://www.canaldaimprensa.com.br).

no decorrer do ano eleitoral de 1994, tendo em vista que ele era o principal representante da esquerda no processo sucessório? E a terceira pergunta, e questão síntese de nosso trabalho é: que sentido é construído sobre a figura de Fernando Henrique Cardoso, na linguagem da revista *Veja* no ano de 1994, como ministro à frente da pasta da Fazenda e posteriormente como candidato à presidência.

A proposta metodológica do trabalho tem como base a análise de discurso, a qual se preocupa com a relação da linguagem e com o contexto, ou seja, estuda a linguagem em uso, os textos escritos de todos os tipos, conversações formais e informais. Para Orlandi (1986, p.60), a língua/linguagem é:

basicamente dialógica e está tão determinada por quem a emite quanto por aquele para quem é emitida. Então, a abordagem da língua deve ser feita por sua inserção no contexto social e no universo da tensão humana em que ela atua. O território da língua é lugar de disputa e conflito, da relação entre o sujeito e a sociedade

Dessa maneira, buscar-se-á analisar a revista *Veja* como o lugar onde se explicita o conflito, um lugar onde a tensão humana está presente. Questionar-se-á de que maneira o semanário produz sentido pela linguagem na representação dos candidatos envolvidos no processo eleitoral brasileiro. Além do modo como tenta persuadir o seu *interlocutor* (leitor) acerca dos fatos relatados. E qual a relação da linguagem do semanário com a exterioridade, ou seja, com sociedade em que está inserida.

De acordo com Baccega (1995, p.32), o processo comunicativo associado à produção de sentido discursivo é representado da seguinte maneira

Toda palavra dirige-se a um interlocutor, presente ou ausente (o outro), ou seja, há sempre um auditório estabelecido. Ela carregará, portanto, três dimensões: procede de alguém (há alguém que fala), dirige-se para alguém (o outro) e procura persuadir, convencer (em maior ou menor grau).

Levando em consideração esse fragmento, é adequado mencionar que a criação do sentido em um processo discursivo dá-se em dois níveis: aquele que o produz, com intenções de significado, bem como aquele que o recebe, o qual através de sua bagagem cultural, construirá seu próprio significado.

Desta maneira, segundo Baccega (1995), a produção de sentido em um discurso nos remete às condições reais do momento em que a linguagem é utilizada e que



determinaram a maneira de usá-la. No caso de nosso trabalho, o quadro político da disputa eleitoral será a condição real do momento.

Como base para o estudo científico, a pesquisa orientar-se-á pelos trabalhos<sup>2</sup> de pesquisa feitos acerca do tema mídia e política. A análise será feita a partir das 72 edições que cobriram o período de 26 de maio de 1993 (assunção de Fernando Henrique Cardoso ao ministério da Fazenda - Edição nº 1289) a 12 de outubro de 1994 (edição posterior a sua eleição para Presidente da República - Edição nº 1361). Serão estudadas as seções da revista relacionadas com política, bem como os editoriais, sempre que houver referência às eleições presidenciais ou a figura de Fernando Henrique Cardoso como ministro da Fazenda, e conter sentido no âmbito do trabalho.

Acerca dos acontecimentos políticos ocorridos neste lapso de tempo, a pesquisa utilizará o método analítico. Esse método se baseia na crença de que enigmas filosóficos podem ser solucionados pela análise (elucidação) da linguagem. Logo, no contexto em que uma pergunta pode ser feita, também pode ser respondida e interpretada. Como consequência, o sentido é determinado pelo modo como uma palavra é usada naquele contexto. Pela análise da linguagem, podemos elucidar o significado da língua conforme a intenção de seus usuários. O nosso trabalho terá como instrumento empírico para análise as edições da própria revista *Veja*.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No capítulo I, será feito um breve resumo histórico do período político brasileiro de 1985 a 1994. Essa fase será dividida em três etapas: o governo de José Sarney; o governo de Fernando Collor de Mello; e o governo de Itamar Franco. Com isso, objetiva-se esclarecer em que condições históricas e contextuais aconteceram os discursos da *Veja* e identificar as principais questões políticas do período. Com exceção do primeiro capítulo, que buscou referencial para a sua construção em bibliografia que abrangesse o período, os demais utilizarão basicamente para sua construção as edições da revista *Veja*.

No capítulo II, analisaremos as matérias publicadas na revista *Veja*, que fizeram referência a Fernando Henrique Cardoso (FHC), desde sua nomeação para o cargo de ministro em maio de 1993 até o final do mesmo ano.

No capítulo III, analisaremos de que maneira o semanário reportou Luís Inácio Lula da Silva no ano eleitoral de 1994. Ao analisarmos a figura de Luís Inácio Lula da Silva

---

<sup>2</sup> Especificamente se utilizará o seguinte trabalho sobre a revista *Veja*: PEREZ. Reginaldo Teixeira, *Veja*; um veículo de transição. Análise da construção de um projeto político (1984-1985). Dissertação de Mestrado. UFRGS, 1988, 206 p.

(Lula), tentamos mostrar que além de construir positivamente a imagem de Fernando Henrique, o semanário precisava atacar aquele que era no momento o líder das pesquisas e o principal adversário de Fernando Henrique. Além de que Lula representava junto com o PT, seu partido, um projeto político de cunho socialista, contrário aos interesses do semanário. A importância de Luís Inácio Lula da Silva é percebida no começo do ano eleitoral de 1994. Nessa etapa, Lula possuía em torno de 42% das intenções de voto nas pesquisas de opinião. Por ser o Partido dos Trabalhadores oposição ao governo, a elite política do poder precisava encontrar rapidamente um candidato que a representasse e pudesse deter o avanço de Lula.

O período estudado no capítulo IV, iniciado em janeiro de 1994 e finalizado em 12 outubro do mesmo ano, foi muito significativo, pois realçou a figura de Fernando Henrique Cardoso dentro do contexto político e econômico do país . Nesse período, encontram-se importantes fatos políticos que marcaram o ano eleitoral de 1994, dentre eles podemos destacar o lançamento do plano Real, decisivo na campanha de Fernando Henrique, além da própria campanha eleitoral dos candidatos. Neste capítulo, destacaremos de que maneira o semanário *Veja* teve seu discurso/sua linguagem articulado/a em torno de Fernando Henrique, e como esse discurso refletiu as vontades de grupos específicos da nossa sociedade, influenciando, de certa forma, a formação de conceitos da população em geral.

# **1. AS CONDIÇÕES SOCIO-POLÍTICAS DO BRASIL NO PERÍODO DE 1985 A 1994**

## **1.1 Introdução**

O presente capítulo tem como principal objetivo identificar os principais acontecimentos políticos ocorridos nos nove anos que antecederam as eleições presidenciais de 1994. De maneira pontual. Buscamos encontrar respostas sobre questões de natureza política que marcaram o período. Além do mais, será relevante destacar a representação e a construção dos sujeitos que marcaram o cenário político nacional após a redemocratização de 1984. Trata-se então de fazer um apanhado histórico do período, descrevendo os governos que se sucederam no poder após a saída dos militares. Nesse sentido, será focalizado o desencadeamento e o desenvolvimento dos fatos que produziram a condução da economia e da política.

Esse capítulo não tem a pretensão de esgotar o período, ou propor uma nova historiografia para os nove anos que serão analisados, mas simplesmente descrever a sua cronologia. Para melhor entendermos o período, optou-se pela divisão do mesmo em três: o governo José Sarney (1985-1990), o governo de Fernando Collor de Melo (1990-1992), e o governo de Itamar Franco (1992-1994). Sendo o último período de maior importância para o trabalho, pois será nele que ocorrerá a nomeação de Fernando Henrique Cardoso (FHC) para Ministro da Fazenda. Nesse contexto, FHC torna-se uma figura política importante e a maneira como a revista *Veja* apresenta o futuro candidato à presidência será de extrema relevância no que diz respeito à mídia como órgão formador de opinião.

## **1.2 O governo de José Sarney (1985-1990)**

Ao analisar as origens deste período, acreditamos que os primeiros passos para a redemocratização foram dados com a eleição indireta de Tancredo Neves. Contudo, na véspera de sua posse, ele foi apressadamente internado para fazer uma cirurgia, cabendo ao vice José Sarney assumir interinamente a presidência da República diante da perplexidade nacional. O primeiro

presidente civil em 21 anos de ditadura militar, Tancredo Neves, de 75 anos de idade, faleceu em 21 de abril de 1985. Em estado de comoção, a população acompanhou o cortejo fúnebre nas ruas de São Paulo do hospital ao aeroporto. Essa foi a trajetória realizada para concretizar seu enterro em sua terra natal São João Del Rey no Estado de Minas Gerais. Naquele momento, a manifestação popular certamente demonstrou o apoio e a confiança que o povo depositava no novo governo.

A conjuntura política, ao mesmo tempo incerta e esperançosa, enfrentava uma deterioração do quadro econômico no auge da crise da dívida externa. Em tal contexto, a redemocratização promoveu, em meio à população, a idéia de que todos os males decorriam da má administração da economia por parte dos governos militares. Essa crença era reforçada pelos intelectuais, pela imprensa e pela própria oposição partidária formada pelo PT, PMDB e PDT. Entretanto, a dimensão dos problemas possivelmente enfrentados pelo governo exigia muito mais que uma reforma política.

Em agosto de 1985, toma posse como Ministro da Fazenda Dílson Funaro, formando sua equipe econômica com críticos do modelo econômico adotado nos últimos anos. Nesse cenário político, preparou-se um plano de combate à inflação que ficou conhecido como Plano Cruzado, divulgado e implantado em 1º de março de 1986. O plano era uma tentativa de combater a inflação sem comprometer o crescimento econômico, partindo do pressuposto que implantar a recessão para esse fim – como fora feito anteriormente – era um equívoco em virtude das desigualdades sociais e o estado de miséria que vivia grande parte da população.

Foram adotadas medidas heterodoxas, tais como: congelamento de preços pelo período de um ano com o objetivo de combater a inflação inercial; imediato reajuste dos salários acrescidos de um abono e determinação para que os reajustes posteriores ocorressem sempre que a inflação chegasse a 20% (chamado de gatilho salarial); livre negociação de salários entre empresários e trabalhadores na época dos dissídios, desde que o aumento de salários não incidisse sobre o preço final dos produtos e serviços. Além disso, tínhamos a implantação do novo padrão monetário para o país, o cruzado, que teria o valor do cruzeiro menos três zeros. O fim da correção monetária e as novas regras para a realização de operações financeiras, a fim de adequá-las a situação de baixa desvalorização da moeda.

Os primeiros resultados foram fantásticos, os preços congelados ao consumidor mantiveram-se inalterados. Nos primeiros meses, a inflação chegou perto de zero e tornou-se até

negativa. O plano Cruzado trouxe um rápido aumento do consumo para boa parte da população mais pobre, entretanto, tal situação não duraria muito. Com a explosão do consumo e dos preços congelados, ocorreu um desestímulo por parte dos produtores para continuar abastecendo o mercado, e o desabastecimento passou a ser generalizado.

Associado a isso, surgiu o ágio, apontado como o grande inimigo do plano do governo. Diante da procura, as mercadorias eram vendidas oficialmente pelo preço congelado, mas acrescidas de uma diferença, o que representava na prática o retorno da inflação. Foram elaboradas medidas de ajuste econômico (plano cruzado II) com o descongelamento dos preços. Porém, era tarde demais, depois de nove meses congelados, os preços dispararam. A inflação escapou de qualquer controle até atingir a taxa de 2,5% em novembro e 7,5% no mês seguinte.

O governo Sarney ainda buscou reajustar a economia com outros planos econômicos: o Bresser em 1987, e o Verão em 1989. Porém sem obter os efeitos desejados na economia. O grande evento político do período foi a convocação da Assembléia Constituinte, eleita em 1986, na mesma época das eleições para governo estadual e assembleias legislativas. Durante um ano e meio, debateu-se e votou-se a nova carta constitucional brasileira, promulgada em outubro de 1988.

No final do governo Sarney, seriam realizadas as primeiras eleições diretas para presidente da República desde 1960. A esquerda representada por Luís Inácio Lula da Silva do PT, e por Leonel Brizola do PDT, surgia com grande possibilidade de vitória, ameaçando a continuidade das forças conservadoras no governo. Ulisses Guimarães, consagrado no movimento das diretas-já (movimento ocorrido no ano de 1984 que propunha eleições diretas para presidente da República para substituir o último presidente militar João Batista de Oliveira Figueiredo) saiu candidato pelo PMDB, mas foi prejudicado por ter participado do governo Sarney. Paulo Maluf, ainda sem projeção nacional e recuperando-se do fiasco do colégio eleitoral em 1985, não representava uma candidatura viável.

Nessa perspectiva, surgiu a candidatura de Fernando Collor de Melo, Governador de Alagoas. Ele contava com o apoio de consideráveis setores conservadores, temerosos diante de uma possível vitória da esquerda. Collor se apresentava como caçador de “marajás”, os quais se fartavam com o dinheiro público. Além disso, Collor se posicionava absolutamente contrário à corrupção. E sua suposta desvinculação dos setores políticos tradicionais, pois era candidato do recém formado PRN, ajudou o candidato a manter tal discurso.

Na verdade, isso era uma falácia, pois o mesmo contava com o apoio, ainda que discreto, de diversas pessoas do governo Sarney, entre elas Antônio Carlos Magalhães, político ligado ao que de mais arcaico existia na política brasileira. Collor reconheceu o poder da imprensa e, principalmente, o poder da imagem e soube moldar a sua exatamente de acordo com as expectativas populares. Após o primeiro turno, polarizou-se a disputa entre Collor e Lula. No segundo turno, Collor obteve 42,75% dos votos e Lula ficou com 37,86%. Iniciava-se a chamada era Collor.

### **1.3 O governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992)**

Desde a campanha eleitoral, Collor prometia modernizar o Brasil e sua própria figura jovem, bem como a de alguns de seus ministros, fornecia suporte a esse tipo de discurso. Por modernização, o novo presidente da República entendia a diminuição do papel do Estado, o que incluía a defesa do mercado livre, a abertura para importações, e o fim das privatizações e dos subsídios. De maneira simplificada, ele desejava uma adequação do Brasil a nova realidade do liberalismo mundial.

O Plano Collor, divulgado no dia seguinte de sua posse e adotado imediatamente, representava uma mistura de elementos monetaristas e heterodoxos, instaurando o congelamento imediato dos preços, seguido de gradual liberalização e livre negociação de salários. Entretanto, para evitar o deslocamento de recursos da poupança para o consumo, como ocorrera em 1986, forçando uma elevação dos preços ou desabastecimento, promovia o confisco puro e simples de todas as contas correntes, poupanças e demais investimentos que excedessem certa quantia. Além disso, preconizava o violento corte dos gastos públicos, começando pela demissão de funcionários do governo, e o aumento generalizado de impostos. Anunciaram-se as privatizações, bem como a diminuição de impostos de importação, estimulando as compras no exterior.

Com isso, o plano pretendia tornar a economia brasileira mais eficiente, com um Estado mais enxuto e um setor privado voltado para a adequação à concorrência com os produtos estrangeiros. Pretendia também possibilitar a entrada de grande volume de mercadorias importadas a preços baixos, uma vez que seus impostos haviam sofrido cortes, para favorecer a queda da inflação. Nos primeiros meses, o plano obteve a queda da inflação e a contenção do consumo. No entanto, logo em seguida, o país mergulharia em profunda recessão. Devido à

concorrência estrangeira, o nível de produção industrial despenca, agravando o quadro social com as conseqüentes demissões nos setores de produção.

Em 1991, foi lançado o Collor II, uma tentativa de reforçar novamente o combate à inflação, ocorrendo o congelamento dos preços e salários. Conseqüentemente, elevam-se as taxas de juros com o intuito de estimular a poupança e desestimular novos negócios, para diminuir o nível de atividade econômica no país, e forçar a queda dos preços.

As denúncias de concessão de benefícios a grupos privados, e inclusive ao próprio presidente da República por parte do governo federal, ficavam cada vez mais claras. Paulo César Farias, amigo pessoal do presidente e seu tesoureiro na campanha eleitoral, estaria pressionando presidentes de empresas estatais para a realização de negócios contrários aos interesses das empresas, de maneira que beneficiassem grupos particulares. A partir de então, a vida e os negócios de Paulo César Farias passariam a ser investigados, principalmente pela imprensa. Em maio de 1992, declarações do irmão do presidente, Pedro Collor, revelavam que o chefe do executivo nacional era favorecido por operações financeiras ilícitas coordenadas pelo ex-tesoureiro de campanha Paulo César Farias.

Uma Comissão Parlamentar de Inquérito foi instaurada em junho de 1992, que logo apuraria o chamado “*esquema PC*”, no qual o empresário arrecadava dinheiro de homens de negócio em troca de favores governamentais. O dinheiro, obtido ilegalmente, era enviado para o exterior e depositado em paraísos fiscais, depois voltava ao Brasil depositado em contas fantasmas. No final, acabava nas mãos de membros do Governo, incluindo parlamentares e a família do Presidente.

Fernando Collor de Mello, que pregava austeridade, cortava os gastos do governo, arrochava salários e ampliava o número de desempregados, vivia luxuosamente de dinheiro sujo. Então, a sociedade brasileira se mobiliza e pede seu afastamento, o presidente se opõe à renúncia. Em 29 de setembro de 1992, a câmara dos deputados decide por seu afastamento com 441 votos a favor e 38 contra. Logo em seguida, o vice Itamar Franco assumia a presidência da República.

#### **1.4 O Governo de Itamar Franco (1992-1994)**

Itamar Franco atraiu progressivamente a simpatia popular, enquanto crescia o repúdio a Collor. Formou-se uma coalizão de todos os partidos em torno do novo presidente. Além do respaldo político obtido pelo governo, a situação econômica do país dava alguns sinais de melhora. Não no que se refere à inflação, mas principalmente na questão da dívida externa. A progressiva queda das taxas de juros no mercado internacional fazia com que as transferências de capital do Brasil para os bancos credores diminuíssem sensivelmente, já que diminuía os valores dos compromissos da dívida externa.

A economia voltou a crescer, atingindo em 1994 uma taxa de 5 % anuais, o melhor resultado desde o início dos anos 80. Em 1994, o governo anunciou o Plano Real em mais uma tentativa de combate à inflação. Na realidade, a instituição de uma nova moeda era a última etapa de um grande programa de estabilização da economia, que estava sendo posto em prática desde dezembro de 1993 por uma equipe de economistas da PUC do Rio de Janeiro.

Esse programa tinha à frente o Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso. A manutenção de uma taxa de câmbio era garantida pelo Banco Central (BC) no momento em que a demanda por dólares crescesse no país, ameaçando desvalorizar o real. Nesse sentido, o BC interviria no mercado de câmbio, vendendo grande quantidade de dólares e forçando uma queda em seu valor. O funcionamento do plano dependia da permanência de grande quantidade de dólares nas mãos do governo, o que acontecia desde o início do plano, devido à balança comercial favorável.

A curto prazo, a abertura econômica foi realizada e a queda da inflação foi real, embora o aumento da eficiência da indústria brasileira tenha ocorrido apenas de forma localizada. Maiores foram os efeitos negativos de tal política na indústria brasileira. As falências começaram a se multiplicar e o desemprego aumentou. Paralelamente, a manutenção de elevadas taxas de juros no país inviabilizava a sobrevivência de empresas em dificuldades, acelerando ainda mais o processo de falências e aumento do desemprego. A situação recessiva forçava ainda mais a queda da inflação, o que o governo alardeava como prova do sucesso espetacular do plano.

Os aspectos positivos do plano, como a queda da inflação, foram sentidos de imediato, enquanto o lado negativo, falências e desemprego, só foram sentidos em médio prazo.



O Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso transformou-se subitamente em figura bastante popular, abrindo caminho para sua candidatura nas eleições presidenciais de 1994.

### 1.5 Considerações Finais

O presente capítulo descreveu os oito anos posteriores à redemocratização do Brasil baseado na bibliografia que referencia o período. Com o fim do regime discricionário de 1964 no ano de 1985, houve uma redistribuição das forças políticas do país. As mesmas forças que compactuavam com os militares necessitavam de outros mecanismos para manter o *status-quo*. O PMDB surgira como grande força na oposição ao regime militar, e conseqüentemente, na redemocratização fora ungido nas urnas. O primeiro presidente civil eleito em 20 anos, Tancredo Neves, não chega a tomar posse. No seu lugar, o vice José Sarney assume diante de uma nação perplexa com o falecimento do presidente eleito.

A população cansada de sofrer com uma inflação muito alta, e desacreditada dos políticos tradicionais, elege Fernando Collor de Melo nas eleições diretas de 1989. Collor era governador do Estado de Alagoas, pouco conhecido no centro do país. Com um discurso que abrangia promessas de acabar com as mordomias de algumas pessoas ocupantes de cargos públicos, ele ficou conhecido como o caçador de marajás. Denunciado por estar desviando dinheiro dos cofres públicos, e afastado do governo por um processo de *impeachment* movido contra ele no Congresso, não termina seu mandato.

Com o *impeachment* de Collor, assume o governo seu vice Itamar Franco, caberia a ele conduzir o país até 1994, ano em que aconteceriam novamente as eleições presidenciais. É sobre o governo de Itamar Franco que será focalizada a atenção desta pesquisa, principalmente em termos das idéias representadas pela revista *Veja* acerca do Ministro da Economia Fernando Henrique Cardoso e futuro presidente da República.

## **2. O MINISTRO DA FAZENDA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO E A REVISTA *VEJA*: A ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE UM CANDIDATO – 1993**

### **2.1 Introdução**

O objetivo deste capítulo é analisar o conjunto de idéias que a revista *Veja* publicou em relação à construção da figura política de Fernando Henrique Cardoso (FHC), desde sua assunção ao cargo de Ministro da Fazenda no governo de Itamar Franco, até o final do ano de 1993. Na verdade, esse ano foi decisivo para o lançamento de sua candidatura à presidência da República em 1994. Esse período foi caracterizado, em termos políticos, pela instabilidade da economia no país com índices de inflação superiores a 30 por cento e pelo lançamento do plano de estabilização econômica. Tal plano teve início em maio de 1993, data em que Fernando Henrique Cardoso foi nomeado Ministro da Fazenda.

Neste sentido, o principal propósito deste capítulo é analisar como o semanário *Veja* procura construir a imagem política de FHC através de seu discurso. Para tanto, serão destacados alguns editoriais e reportagens do semanário, divulgados durante o ano de 1993, analisando como se posiciona a revista e de que maneira tem seu discurso articulado em torno do novo Ministro da Fazenda. Dessa forma, será possível perceber a construção da imagem do que seria o futuro candidato à presidência da República.

A revista *Veja* como grande órgão de imprensa é um veículo de comunicação de massa, sendo um espaço para a veiculação de idéias, as quais devem estar acima de interesses pessoais. A esse respeito, tentamos questionar a neutralidade do semanário no que se refere aos assuntos sobre política do período, especificamente quando abordava o novo ministro da Fazenda de Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso. Não será nossa intenção fazer juízo de valor do posicionamento político do semanário, e sim, apenas questionar a sua neutralidade.

## 2.2 Um novo Ministro da Fazenda

A capa da Edição nº 1289, de 26.05.93 da revista *Veja* (VER ANEXO 1), é bastante clara, pois retrata Fernando Henrique como a “*Grande tacada*”, ou seja, a última chance de progresso de Itamar Franco. O novo Ministro da Fazenda, segundo a Revista, é “*a nova cara do governo*”. No editorial, podemos notar o tom favorável da revista em relação ao novo ministro nos seguintes termos: “*a nomeação de Fernando Henrique Cardoso para o ministério da Fazenda serviu para desanuviar o ambiente político e infundir a esperança em dias melhores*”<sup>3</sup>. Nesse fragmento, nota-se os termos com que a revista se refere ao novo ministro, ou seja, aquele que vai “*desanuviar o ambiente*”<sup>4</sup>. Sendo logo em seguida considerado como a “*esperança em dias melhores*”<sup>5</sup>.

Nesse discurso, claramente enaltecedor da figura do novo ministro, está implícito o apoio do semanário a nova escolha de Itamar Franco na composição de seu ministério. Ao sustentar a imagem positiva de FHC, a revista também adverte os leitores que há necessidade de continuidade do projeto político que FHC defende, pois “*alguns problemas brasileiros só podem ser solucionados em longo prazo*”. Para que isso aconteça, há a necessidade de uma boa administração governamental para o futuro, ou melhor, bons políticos como FHC.

O novo ministro, recém chegado às salas do palácio do Planalto, não poderia ter recepção mais calorosa por parte do semanário. No mesmo editorial previamente citado, a revista traça um perfil do governo com a chegada de FHC e aponta os erros dos ministros anteriores, advertindo o empresariado brasileiro de que é necessário agregar forças em torno de Fernando Henrique. Para o congresso, implicamos a seguinte mensagem: “*não é hora de interesses particulares, o Brasil é um projeto muito maior*”<sup>6</sup>.

Na matéria “*A última chance de Itamar*”<sup>7</sup>, a revista faz a descrição da nomeação do novo ministro (então Chanceler Fernando Henrique Cardoso), apresentando uma conversa

---

<sup>3</sup> (*Veja*, nº 1289, p. 17). A partir de agora todas as notas que se referirem à revista *Veja* terão o nome da revista suprimido, apresentando apenas o número da edição e a página referenciada.

<sup>4</sup> (nº 1289, p. 17)

<sup>5</sup> (nº 1289, p. 17)

<sup>6</sup> (nº 1289, p. 17)

<sup>7</sup> (nº 1289, p. 18)

telefônica entre ele e o Presidente da República Itamar. A conversação demonstra que FHC goza da intimidade do presidente, pois reporta informalidade discursiva entre os políticos.

Nas páginas referentes à seção Brasil, a revista traz uma pequena foto de Itamar Franco anteposta pela foto de Fernando Henrique (VER ANEXO 2). A posição das fotos, de certo modo, quer transmitir a proximidade existente entre os dois, que permanecem olhando na mesma direção. Na matéria, *Veja* atesta que o “o professor Fernando Henrique Cardoso faz a aposta da sua vida, enquanto o engenheiro Itamar Franco joga a sua última cartada”<sup>8</sup>. O uso do termo *professor* inspira uma certa autoridade, “aquele que detém conhecimentos” ou “aquele que tem muito a ensinar”.

Na mesma oração, *Veja* destaca a situação em que se encontra FHC, para o ministro seria a “*aposta de sua vida*”<sup>9</sup>. No entanto, para Itamar seria “*a sua última cartada, a última chance*”, o que é reforçado mais à frente: “*se vencer a inflação e der estabilidade à economia o ex-chanceler terá condições de surgir como presidenciável imbatível*”<sup>10</sup>. É interessante salientar que o semanário não alega claramente que FHC seria um futuro presidenciável, porém referências são dadas por Elio Gaspari, articulista da revista, em matéria específica.<sup>11</sup>

A ênfase exagerada em torno da figura de FHC e a importância que ele teria para o destino do país são a tônica da matéria subsequente do semanário na mesma edição. Na matéria, assinada pelo jornalista Expedito Filho, Fernando Henrique é apontado como “*Superministro, o anjo da guarda do planalto*”<sup>12</sup> (VER ANEXO 2) e a sua nomeação é tida como “*a melhor notícia que o país já recebeu desde o impeachment de Fernando Collor*”<sup>13</sup>. Vale lembrar que o *impeachment* de Collor foi algo inusitado no que remete aos regimes democráticos presidenciais. Comparar tal ato a uma simples nomeação de ministro pode ser entendido no mínimo como exagero de retórica.

No entanto, a importância que é dada ao cargo de Ministro da Fazenda se torna clara na mesma matéria, em que FHC é apontado como o número dois no Poder Executivo. De fato, isso não é verdade, pois se sabe que constitucionalmente na seqüência da hierarquia da República

<sup>8</sup> (nº 1289, p. 18)

<sup>9</sup> (nº 1289, p. 18)

<sup>10</sup> (nº 1289, p. 18)

<sup>11</sup> “Começou o consulado do ministro Fernando Henrique Cardoso. Poderá durar seis meses ou seis anos. Ele é candidato a dois destinos. Um é o de seus antecessores e consiste num ciclo que, começando com grandes banquetes, termina com a janta do homenageado. O segundo é a Presidência da República. Fernando Henrique quer ser presidente e isso é ótimo”. (nº 1289, p. 29)

<sup>12</sup> (nº 1289, p. 20)

<sup>13</sup> (nº 1289, p. 20)

ter-se-ia o Vice Presidente e na sua ausência o presidente da Câmara dos Deputados. O *status* dado a FHC de “superministro”, conferindo-lhe uma aura de autoridade total no governo, fica implícito no seu discurso de posse transcrito pela revista: “*enquanto estiver no ministério, quem fala de política econômica sou eu*”<sup>14</sup>. A fala do novo ministro é apontada pelo periódico, representando sua forte posição junto ao governo, conforme o seguinte fragmento:

Fernando Henrique aterrissou em Brasília numa posição de força e disposto a usá-la: - Se alguém se intrometer, vou direto ao presidente. (comentou com um amigo). – Se o presidente não tirar o intrometido do meu caminho, peço demissão e vou embora. Agora é vai ou racha. (nº 1289, p. 24)

Há uma clara intenção de mostrar o Ministro da Fazenda como um indivíduo enérgico diante dos entraves e disputas políticas, ele está disposto a enfrentar aqueles que se impuserem no seu caminho. Finalizando a citação, a expressão popular “vai ou racha”, atribuída a Fernando Henrique (que teria comentado com um amigo, fonte não citada pelo jornalista), representa o uso de uma linguagem informal, mais popular pelo político o que, de certa forma, o aproxima do povo.

Na mesma matéria (p. 24 e 25) estão em destaque fotos da carreira de FHC (VER ANEXO 3) com as expressões subscritas: “*intelectual brilhante*”, “*panfletando em porta de fábrica pelos candidatos do velho PMDB*” (intelectual engajado), “*no palanque das diretas já: Sabedoria de ver a história*” (visão de futuro), “*na constituinte: ajudando a desfazer trapalhadas*” (sabedoria). Essa seleção lexical mostra o perfil de FHC, ou seja, um homem inteligente, um político engajado, um sábio, uma pessoa altamente qualificada que soube se posicionar nos momentos cruciais da vida política brasileira, um estadista nato. Na seqüência, a matéria descreve os atributos pessoais da personalidade de Fernando Henrique Cardoso:

Em sua personalidade, Fernando Henrique combina dois elementos químicos. É dessas pessoas que preferem agradar. Afável, possui uma paciência infinita e um bom humor de dar inveja. Ao mesmo tempo, o novo ministro da Fazenda construiu uma carreira com alguns aspectos muito nítidos. O intelectual esquerdista ficou para trás, mas, mesmo num jantar com tubarões da Fiesp<sup>15</sup>, é impossível deixar de acreditar na sinceridade de suas preocupações com as mazelas sociais do país. (nº 1289, p. 25).

---

<sup>14</sup> (nº 1289, p. 20)

<sup>15</sup> Federação das Indústrias de São Paulo

Destaca-se da citação acima, segundo a revista *Veja*, as principais características da personalidade do Ministro da Fazenda: “afável”, “bem humorado”, “paciente”, “preocupado com as mazelas sociais”. Nesse trecho, fica clara a construção positiva da imagem de Fernando Henrique Cardoso. Ao mesmo tempo em que afasta possíveis preocupações da elite<sup>16</sup> brasileira com o seu passado esquerdista, o artigo atesta que ele continua sinceramente preocupado com as mazelas sociais do país. Na matéria assinada por Expedito Filho, em nenhum momento sua imagem sofre qualquer crítica ou é construída de maneira negativa, pelo contrário, parece ser escrita sob medida para enaltecer FHC, sugerindo, até certo ponto, parcialidade jornalística.

Na edição Nº 1290, a revista compara o Ministro Fernando Henrique Cardoso com os seus antecessores, qualificando-os como “*malucos, inertes, suspeitos ou caipiras*”. A estratégia é desqualificar os antigos Ministros da Fazenda em contraponto a FHC. Mais adiante a revista diz que ele foi “*o melhor nome para a pasta da Fazenda e causou excelente impressão*”<sup>17</sup>. Em nenhum momento o semanário questiona como o novo ministro vai enfrentar os problemas reais que seu novo cargo oferece, que seria debelar uma inflação que chegava ao patamar de 300% ao ano e aplacar a sede de verba dos Ministérios sem comprometer o orçamento da União.

Ao mesmo tempo em que relata as palavras de apoio do governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães relativas às primeiras atitudes do ministro, o semanário ressalta a importância da paciência no que se refere aos processos políticos nacionais. De acordo com Antônio Carlos Magalhães, “*ele[FHC] não tem de consultar o congresso, nem os governadores, nem os seus colegas ministros, nem ninguém. Tem de apresentar um plano de cortes ao presidente e mais nada*”<sup>18</sup>. Neste caso, a revista utiliza as palavras do governador da Bahia para demonstrar isenção em seu apoio, que a esta altura passa a ser notório, pedindo paciência para a opinião pública. Sobre o novo ministro, o artigo ressalva: “*Fernando Henrique, faça-se um desconto, está na transição entre as pompas do ministério das relações exteriores e a rotina dolorosa do ministério da Fazenda*”<sup>19</sup> e salienta que “*ele tem preparo acadêmico, habilidade*

---

<sup>16</sup> O termo Elite, remonta a Vilfredo Pareto, que por influência de Gaetano Mosca, enunciou, na introdução aos *systemes Socialistes* (1902) a tese segundo a qual em toda a sociedade há uma classe “superior” que detém geralmente o poder político e o poder econômico, à qual se deu o nome de “aristocracia” ou Elite. (BOBBIO, 1994, pg 385)

<sup>17</sup> (nº 1290, p. 18)

<sup>18</sup> (nº 1290, p. 19)

<sup>19</sup> (nº 1290, p. 19)

*política e credibilidade*". Neste sentido, a revista contrapõe as dificuldades do novo cargo com as habilidades de FHC.

Fernando Henrique Cardoso seria o "*bilhete premiado de Itamar*"<sup>20</sup>, segundo o deputado Delfim Neto<sup>21</sup>. A seguinte assertiva de *Veja* sedimenta que caso FHC consiga impor as reformas na economia, necessárias ao controle da inflação, ele passaria a ter o bilhete premiado da eleição e decolaria como "candidato tucano" nas eleições de 1994.

Há reformas a fazer no capítulo financeiro da constituição e muitos interesses a contrariar. É muito difícil, mas é possível lançar um ataque direto ao motor da inflação. Terminá-lo com sucesso é como estar com o bilhete premiado dentro do bolso. (nº 1290, p. 21).

Na edição nº 1293, novamente FHC é tratado como a melhor escolha para o ministério: "*o ministro Fernando Henrique Cardoso, da Fazenda, continua sendo a melhor escolha disponível para o pior cargo da República*"<sup>22</sup>. A revista afirma, apesar das críticas que FHC vinha recebendo de alguns setores da Nação, que ele ainda seria a melhor escolha para o Ministério da Fazenda, sendo este cargo o pior da nação. Ou seja, só alguém extremamente competente poderia desempenhar árdua tarefa.

### 2.3 O dia a dia no ministério

A matéria principal da seção de política da edição nº 1298 trata da semana do ministro. Numa demonstração de proximidade com FHC, o repórter Expedito Filho descreve em cinco páginas como é a vida do Ministro da Fazenda. A matéria cujo título é "*Tensões e pressões*" têm no seu subtítulo a seguinte afirmação: "*uma semana no gabinete de Fernando Henrique, a sala onde todos pedem e pouquíssimos ajudam*". O artigo começa com as seguintes palavras "*O poder, o charme do cargo mais importante da República, depois do presidente*"<sup>23</sup> e na seqüência descreve todos os dias da semana do ministro.

---

<sup>20</sup> (nº 1290, p. 19)

<sup>21</sup> Ex-ministro da Fazenda dos governos militares, desde o governo Costa Silva, responsável pelo chamado milagre econômico brasileiro no governo Médici.

<sup>22</sup> (nº 1293, p. 20)

<sup>23</sup> (nº 1298, p. 24)

Para o repórter da revista, todas as pessoas que se aproximam do Ministro da Fazenda desejam pedir alguma coisa, e ele heroicamente resiste. Nessa matéria, FHC é descrito como “*oscilando entre a dificuldade de realizar grandes planos e a obrigação de livrar-se de afazeres desimportantes*”<sup>24</sup>. A questão desimportante alegada é uma “espinhenta” negociação de aumento do salário mínimo. O combate à inflação seria a sua principal tarefa, entretanto, o seu cargo exigiria outras ocupações. Esses problemas não eram insignificantes para um país em que a inflação chegava a 30% ao mês na época. O artigo transmite a idéia de que tínhamos um ministro obstinado em combater a inflação, relatando a visão de um homem acima de tudo preocupado, principalmente, com os grandes problemas da nação.

A pose de estadista que lhe é conferida se torna saliente no diálogo em que ele mantém com o presidente da República. Em uma reunião ministerial, Itamar Franco aparece explicando ao seu ministro: “*convoquei esse encontro por que quero tirar esse peso de suas costas*” e continua dando provas da força do ministro: “*o que você resolver está resolvido*”, referindo-se a porcentagem de aumento a ser dada ao salário mínimo. A formalidade política pressupõe tratamento educado e respeitoso. Ainda mais na frente de jornalistas. Entretanto, no tratamento dispensado a Fernando Henrique, Itamar demonstra claramente a força que o ministro possui dentro do governo, pois “o que ele resolvesse, seria a solução”.

À medida que o texto vai se desenvolvendo, constatamos que a revista passa a construir a imagem política do ministro com propósitos que ainda os simples “e-leitores” não conseguiriam identificar. No entanto, podemos perceber que em todos os momentos os sentidos implícitos se apresentam. A figura de Fernando Henrique Cardoso, que é o tema central da matéria, passa a ser exaltada, e este fato se torna mais marcante na discussão com os líderes sindicais presentes na reunião.

No diálogo, os sindicalistas defendem aumento de 100% para o salário mínimo e Fernando Henrique responde rispidamente: “*o justo não seria um aumento de 100%, mas de 500%, mas é uma asnice dizer que aumento de salário não é inflacionário. É um argumento pueril*”. A revista encerra a descrição do diálogo colocando como “*pancada*” a resposta de FHC aos sindicalistas. Nas linhas seguintes, ele tenta justificar a medida impopular de não querer aumentar o salário mínimo.

---

<sup>24</sup> (nº 1298, p. 24)



Na manhã seguinte Fernando Henrique fez um pouco de matemática com os ministros Brito e Barelli. Com 70% de reposição a inflação explode. Iria para 50% ao mês. Com 60% de aumento, inflação de 35 %. Se o reajuste ficar em 50%, a taxa do custo de vida talvez se mantenha abaixo disso. (nº 1298, p. 24).

A idéia é não vincular a imagem do ministro com a desagradável decisão de não reajustar integralmente o salário mínimo, mas colocá-lo como homem sensato diante dos problemas estruturais do país, entre eles os altos índices de inflação. Notamos uma certa preocupação em não denegrir a imagem de FHC principalmente com as classes mais baixas, aquelas que vivem do salário mínimo. Apesar de não serem leitores habituais da revista, essas classes têm acesso às informações e aos comentários nela contidos em menor ou maior grau.

No decorrer da matéria, o repórter passa a fazer análises da postura de Fernando Henrique Cardoso diante da rotina do ministério, bem como da sua linguagem corporal em entrevistas. Nesta análise, podemos destacar alguns trechos de extrema relevância para as questões que norteiam este capítulo. Ao dar entrevista, ele tem “*os olhos tranqüilos nas câmeras de TV*” e quanto às acusações de que uma propriedade sua – uma Fazenda – estava sob investigação, ele diz que “*se trata da imprensa Malufista*” (p. 26). Neste caso, nada se esclarece, pois FHC acusa os órgãos de imprensa que investigavam o caso de estarem a serviço de Paulo Maluf. Este argumento é questionável, pois qual interesse teria Maluf em acusá-lo, sendo que até o momento a disputa eleitoral não havia começado e a candidatura de ambos não havia sido lançada. Essas questões a revista abordaria na matéria seguinte.

Além disso, a reportagem apresenta comentários em relação ao assédio das pessoas, desde empresários até membros do governo, os quais se dirigem ao gabinete do ministro para discutir problemas econômicos, tais como redução de impostos, liberação de verbas extras para este ou aquele projeto. Nessas condições, o repórter os classifica como “*pidões*”. Na verdade, essas pessoas públicas ou não, não estariam preocupadas em desenvolver projetos nas suas áreas, mas apenas em sangrar os cofres do governo, o que FHC resistiria “heroicamente”.

Uma outra questão significativa apresentada na matéria, refere-se às figuras de Paulo Maluf e Luís Inácio Lula da Silva, os futuros presidentes. Na matéria com o título “*A guerra*

*do Pau Brasil*”<sup>25</sup>. A revista relata as falcatruas em que se encontra envolvido Paulo Maluf. Esse ao invés de refutar as acusações, ataca violentamente Luís Inácio Lula da Silva, o qual foi apontado pela revista como seu principal rival nas eleições do ano seguinte. A matéria começa relatando que “*A lama da campanha presidencial de 1994 começou a ser remexida com quinze meses de antecedência*”<sup>26</sup>. Neste caso, Paulo Maluf ,notório alvo do semanário<sup>27</sup>, é apresentado mais uma vez envolvido em negócios escusos. Além disso, um de seus colaboradores é acusado de sonegar informações da Receita Federal. Maluf é apontado como o “*candidato preferido do conservadorismo na sucessão de Itamar Franco*”<sup>28</sup> e teria sido “apanhado em flagrante delito”, visto que a empresa Pau Brasil de João Carlos Martins teria pago contas da campanha de Maluf em 1990 e não teria informado ao Fisco.

Na matéria, Maluf também é acusado de espalhar insinuações sobre a situação financeira do PSDB, partido de Fernando Henrique Cardoso, estratégia que teria sido abandonada logo após. Além do mais, partidários de Paulo Maluf fizeram acusações ao PT e a Lula sobre um cheque de 100 mil dólares que teria sido doado a campanha de Lula de 1989. Outra acusação questiona como a filha de Lula teria passado seis meses em Paris hospedada na casa de Marília de Andrade, herdeira da empreiteira Andrade Gutierrez. Essa hospedagem, segundo a revista, teria sido “*por conta de obras - muitas delas acusadas de superfaturamento - da Andrade Gutierrez*”. Finalmente, *Veja* faz a seguinte consideração: “*a briga entre Maluf e o PT promete esquentar. Correm o risco de se autodestruir e depois se unir para destruir um eventual candidato da terceira via*”. Então, podemos questionar aqui: qual seria este “*eventual candidato da terceira via*” que a revista se refere? E por que esta preocupação do periódico de que Lula e Maluf possam se unir para destruí-lo? Estaria FHC sendo ameaçado?

Uma das estratégias do semanário para dar confiabilidade ao seu discurso é alternar matérias que passem da construção positiva da imagem de um sujeito para matérias de advertência. Percebemos este jogo semântico justamente na matéria “*O ambiente mudou*”<sup>29</sup>. O semanário faz uma advertência clara ao ministro FHC, reportando a angústia de Itamar Franco e sua preocupação com os números da economia. A revista coloca como subtítulo da matéria:

---

<sup>25</sup> (nº 1289, p. 29)

<sup>26</sup> (nº 1289, p. 29)

<sup>27</sup> PEREZ, Regildo Teixeira. *Veja: Um Veículo de transição análise da construção de um projeto político (1984-1985)*. Dissertação de mestrado. UFRGS, 1988,206p

<sup>28</sup> (nº 1289, p. 29)

<sup>29</sup> (nº 1300, p. 20)

“Com a inflação em alta e o presidente revoltado com os juros e os bancos, Fernando Henrique deixa de ser um ministro novo em folha”, sugerindo a insatisfação em relação a FHC, por não ter sido tomada ainda nenhuma medida de combate à inflação.

Mas a principal questão abordada é o relacionamento em desequilíbrio entre o presidente e o ministro; como evidência uma foto sugestiva do ministro e o presidente de costas um para o outro (VER ANEXO 4). A revista teme o que chama de “*processo de Itamarização de Fernando Henrique*”, em outras palavras, seria a possibilidade de o presidente Itamar passar a dar palpites na economia. Segundo a revista, isso seria desastroso. Na realidade, a principal briga entre os dois teria ocorrido por Itamar não ter vetado uma proposta do Congresso de aumentar o salário mínimo em 100%, apresentando como fato consumado a FHC. Essa atitude é classificada por *Veja* como uma ingerência por parte do presidente nos assuntos orçamentários.

O presidente teria ainda comentado que FHC estaria ganhando tempo para construir uma saída honrosa do Ministério da Fazenda, o pretexto para isso seria a derrubada pelo Congresso do veto à política salarial. Entretanto, FHC teria sido avisado por um assessor que isso significaria suicídio político. A revista aponta a saída nas páginas 20 e 21, listando os ministros que abandonariam seus cargos para concorrer a cargos políticos, visualizando uma possível saída para FHC. Esta possível saída é atestada por uma declaração de Itamar Franco lida pelo porta voz da presidência da República: “*todo ministro que quiser ser candidato já tem toda a liberdade para fazê-lo, naturalmente deixando o governo*”<sup>30</sup>.

O que preocupa a revista neste momento é que o ministro não consiga debelar a inflação, o que afetaria profundamente seu projeto de candidatura à presidência da República. Para que tal fato não ocorra, a revista aponta sutilmente uma saída, a sua renúncia ao ministério, com o ônus para Itamar Franco que teria pedido aos ministros que quisessem ser candidatos que deixassem seus cargos. Conseqüentemente, FHC teria que assumir sua condição de presidenciável, o que implicaria também passar imediatamente a sofrer os ataques dos demais concorrentes. Mas o próprio Ministro Fernando Henrique acaba com as especulações com uma declaração um tanto quanto duvidosa, respondendo a Itamar que poderia contar com seus serviços até o fim do seu mandato. O ministro anunciou que não pretendia concorrer à presidência da República nem a reeleição para o Senado:

---

<sup>30</sup> (nº 1300, p. 21)

As pessoas costumam acreditar que tenha alguém interessado em servir ao país e não a si próprio, disse. Sua declaração é lógica afastou o temor de que fosse capaz de tomar medidas demagógicas só para cimentar a sua candidatura. O maior adversário do ministro FHC era o candidato FHC. A declaração do ministro Fernando Henrique não precisa ser tomada ao pé da letra. Se jogar a inflação no chão, o ministro será atirado num agradável furacão de convites para entrar na corrida pelo planalto. Nessa hipótese, terá todo o direito de rever o que disse”. (nº 1300, p. 23).

Na citação acima, *Veja* menciona uma possível resposta para as dúvidas dos leitores em relação à candidatura do ministro, ou seja, FHC provavelmente não será candidato. Certamente, isso poderia acalmar os mercados e o presidente Itamar Franco. Entretanto, caso consiga o seu principal intento – derrubar a inflação – ele poderá e deverá ser candidato. O que a revista deixa claro é que sua candidatura só será viável caso ele tenha sucesso na área econômica, e para isso há um longo caminho a percorrer até 1994.

## 2.4 O lançamento do Plano Real

Finalmente na metade de dezembro, Fernando Henrique Cardoso lança seu tão esperado plano de estabilização econômica. As medidas que necessitavam primeiro de aprovação por parte do congresso configuravam-se ortodoxas aos olhos da maioria como a elevação dos impostos, a redução dos gastos do governo e a criação de um fundo emergencial que se destinaria a um eventual socorro das finanças do país. Por causa dessas medidas, FHC é duramente criticado pelo semanário.

Na edição nº 1316, p. 28, a matéria cujo título é “*Apostando em mais impostos*” faz uma síntese do plano, bem como aponta algumas críticas a ele: “*trocando em miúdos, o governo recorreu ao velho expediente de aumentar impostos e apresentou a novidade de que se mostra disposto a controlar seus gastos, ainda que a poda seja modesta*”<sup>31</sup>. Notamos que a crítica é direcionada ao governo, deslocando a responsabilidade da figura do ministro, quem recorreria ao “*velho expediente de aumentar os impostos*” seria o governo.

Entretanto, as críticas não parariam nesse ponto, a revista elenca a opinião de vários especialistas acerca das medidas econômicas adotadas no plano de FHC como a do antigo

---

<sup>31</sup> (nº 1316, p. 29).

Ministro Delfim Neto e do Deputado Roberto Campos. Em todas as entrevistas as críticas a FHC são duras, mas *Veja* é aparentemente imparcial, atribuindo às críticas a seus entrevistados. Para Delfim Neto, “o aumento geral de impostos é um equívoco porque vai aumentar os preços e gerar inflação”. Roberto Campos complementa: “um plano que não fala em privatização e desregulamentação da economia está fadado ao fracasso”. Talvez essas expressões traduzissem o desejo da grande parcela da elite econômica brasileira, leitora da revista, da redução de impostos e desregulamentação da economia.

Ao utilizar o jogo semântico da crítica através do discurso de outra pessoa, o semanário transmite a mensagem das elites, ao mesmo tempo em que mantém a imagem de FHC intacta perante o restante da população, pois quem seria responsável pelo fracasso do plano seria o governo e não o ministro. Por fim, a revista desfere um certo lembrete ao ministro: “*agora tenta-se criar condições para um outro tipo de dolarização, que zeraria a inflação, colocaria Fernando Henrique na condição de candidato à presidência*”<sup>32</sup>. A matéria implicitamente veicula uma mensagem para o Ministro da Fazenda, criticando sua decisão de aumentar os impostos. Por último, acaba, de certa maneira, ressaltando que ele só se tornara candidato se tiver sucesso no combate à inflação.

Duas edições depois, o semanário muda seu discurso e deixa de atacar o plano econômico de FHC. Neste momento, o ministro teria feito “o melhor de todos os planos econômicos já produzidos no Brasil”<sup>33</sup>, mas a má vontade do Congresso estaria atrapalhando a implantação do plano. Torna-se gritante a mudança de opinião da revista no espaço de duas semanas. A partir deste momento, o foco ficaria em torno do Congresso Nacional que seria o responsável por aprovar as novas medidas econômicas.

Na matéria cujo título é “*Um belo plano que já nasceu furado*”<sup>34</sup>, a revista faz uma análise do pacote econômico de Fernando Henrique Cardoso, apontando as suas virtudes e criticando aqueles que não teriam aderido ao plano. Sabidamente, o Congresso Nacional, alguns ministros, além dos militares. Esses não apoiariam o corte de verbas no orçamento, cortes que segundo o semanário “*irritam de prefeitos a governadores de Estado*”. Desta forma, seria difícil a aprovação do plano no Congresso, conseqüentemente as virtudes do mesmo estariam

---

<sup>32</sup> (nº 1316, p. 31)

<sup>33</sup> (nº 1318, p. 114)

<sup>34</sup> (nº 1318, p. 114)

ameaçadas. E o plano econômico estaria condenado, não por falhas na sua estrutura, mas por falta de apoio no congresso.

O pacote de Fernando Henrique é bom porque aplica um choque no setor público, onde está fincada a raiz da inflação, em vez de dar uma paulada no setor privado, como aconteceu nos cinco planos anteriores, desde o cruzado de 1986. Fernando Henrique inverte o caminho percorrido pelos antecessores. Em vez de começar no congelamento e confisco, com vagas promessas de combate ao déficit público, foi o primeiro ministro da Fazenda a propor o controle de gastos do governo. Finalmente, o pacote do ministro não veio fechado, ele aceita democraticamente uma alteração de rota, desde que alguém lhe apresente uma alternativa melhor”.(nº 1318, p. 114)

Ao elevar o seu plano de estabilização ao patamar de “o melhor plano de todos os tempos”, a revista atesta a competência do ministro. Outra característica de FHC, louvada pelo semanário, é a sua capacidade de diálogo, já que “*ele aceita democraticamente uma alteração de rota*”. Na realidade, ele transfere a responsabilidade do sucesso do plano para o Congresso Nacional, estaria nas mãos do Congresso aprovar as medidas econômicas. Nesse caso, o ministro responderia: “*Se o congresso não aprovar nós saímos do governo*”.

As dificuldades encontradas pelo ministro estariam principalmente no drástico corte de verbas que todas as áreas do governo sofreriam. Outro item do plano que soava como verdadeiro palavrão a alguns congressistas seria a chamada “dolarização”. Este processo, em que o valor da moeda brasileira ficaria atrelada à moeda americana, sofreria resistência também do presidente da República: “*não gostaria de ver preços e salários indexados ao dólar, seria humilhação para o país*”. Para agradar ao presidente, a equipe econômica teria “*disfarçado o índice dolarizado com a pele da Unidade Real de Valor (URV)*”.

A astúcia de Fernando Henrique e sua equipe econômica não parariam por aí, no rodapé da página a revista explica o que seria o “*lado oculto do plano*”. Nesse lado oculto estariam alguns detalhes maquiados para a aceitação geral do público, entre eles a própria URV e o chamado Fundo Social de Emergência, criado com as verbas que o Governo deixaria de repassar aos Estados e Municípios e seria o “*pomo da discórdia*” dos prefeitos e governadores. Teoricamente essas verbas deveriam ser investidas em saúde e educação, mas na realidade serviriam para pagar títulos da dívida pública. Essa atitude obviamente seria fortemente criticada e a revista menciona: “*acontece que, se a Fazenda disser que vai pagar juros, aparecerá logo alguém para denunciar que o pacote de FHC está entregando dinheiro do povo aos banqueiros*”.

Com certeza, essa explicação do plano econômico se destina a uma parcela da população que não utiliza os serviços de educação e saúde oferecidos pelo Estado, visto que a revista procura não fazer juízo de valor da atitude do ministro, fato raro nas páginas do semanário. Ela procura deixar o julgamento desta parte do plano ao leitor.

Entretanto, nessa mesma matéria com o subtítulo “*Itamar desistiu*”, a revista faz uma crítica ao presidente da República que estaria minando o plano econômico antes mesmo dele nascer ao ceder as pressões para liberação de verbas: “*o Itamaraty pediu – e conseguiu – mais algum sob a alegação de que não teria recursos para pagar a conta de luz das embaixadas*”<sup>35</sup>.

Para o semanário, Itamar junto com o congresso seriam os grandes entraves ao plano: “*ele não quer saber mais de administrar. O Itamar desistiu*” teria dito um assessor direto do presidente. Quanto ao Congresso, o semanário faz as seguintes considerações a respeito do corte de verbas: “*que deputado vai cortar dinheiro de seu município? Que senador vai cortar dinheiro de seu Estado?*”. Visão contrária é obtida ao se colocar o Ministro FHC humildemente pedindo ajuda aos congressistas numa reunião que teria participado com os líderes dos partidos.

Eu só quero um voto do Congresso Nacional, pediu o ministro aos líderes. Colheu apoios formais é certo, mais a maioria reclamou das dificuldades em fazer com que o pacote passe. Olhe eu gosto mais do senhor do que do plano, disse o líder do PFL, Luis Eduardo Magalhães (...) Brasília, a seu modo, contou ao ministro que gosta de inflação e não deseja viver sem ela. As lideranças públicas do país – e as privadas também – fazem muitos discursos sobre os males da inflação e pregam o combate do déficit público. Na hora em que se tenta fortalecer a arrecadação e cortar despesas todos gritam. (nº 1318, p. 116).

Segundo o semanário, o ministro teria feito a sua parte, “*pediu um voto do congresso nacional*”, logo, os únicos culpados pelo fracasso do plano seriam os congressistas. Posteriormente, o semanário constata a idéia de que em Brasília se simpatiza com a inflação, ou seja, “*eles gostam de inflação*”. O que estaria tácito nessa afirmação é que eles se beneficiam da inflação. Depois da divulgação de seu pacote de estabilização, Fernando Henrique deixa de ser o responsável pelos rumos da economia transferindo tal tarefa ao Congresso, que se torna o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso. O caminho para 1994 estaria aberto, “*o ministro corre contra o tempo. Sai do governo em abril para concorrer à Presidência ou ao Senado*”<sup>36</sup>. Com o

---

<sup>35</sup> (nº 1318, p. 115)

<sup>36</sup> (nº 1318, p. 117)

pacote aprovado, FHC seria candidato à presidência. Caso contrário, disputaria uma vaga para o Senado, a única certeza seria que ele abandonaria o Ministério em abril.

Para concluir o capítulo, foram analisadas as matérias publicadas no semanário desde a nomeação de Fernando Henrique para o cargo de Ministro da Fazenda, em maio de 1993, até o final do mesmo ano. Procuramos responder basicamente a seguinte questão: a revista *Veja*, nas matérias que veiculou nas edições analisadas, construiu significado em relação à figura de FHC? O que constatamos é que o semanário realmente constrói uma imagem positiva do ministro, pois segundo a revista ele “teria feito o melhor plano econômico de todos os tempos”, e no ano de 1993 teria sido a “grande tacada” do governo Itamar. *Veja* sugere que FHC poderia surgir como presidenciável nas eleições de 1994. Apesar da campanha presidencial não haver começado, o ano eleitoral de 1994 prometia ser duro, Fernando Henrique representava uma opção para a elite política nacional. Pois Luís Inácio Lula da Silva, o eterno candidato do PT, com certeza concorreria novamente ao Planalto. Restava saber “quem teria cacife eleitoral para enfrentá-lo” e como *Veja* o enfrentaria.



### **3. LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA- O ANTICANDIDATO DA REVISTA VEJA – 1994**

#### **3.1 Introdução**

Neste segundo capítulo, pretendemos analisar o período compreendido entre 01 janeiro de 1994 até a eleição de 03 de outubro. Nesse intervalo de tempo, ocorreram as definições dos candidatos à presidência da República e a campanha política propriamente dita. No entrelaçamento de temas e candidatos envolvidos nas eleições que viriam no ano de 1994, destacamos Luís Inácio Lula da Silva, candidato que seria a principal figura antagônica a FHC no intrincado jogo político a ser construído para as eleições.

Sendo Lula o principal oponente de Fernando Henrique na corrida ao palácio do Planalto, torna-se importante para o trabalho analisar como o semanário reportou Lula durante sua campanha eleitoral. O único pré-candidato que já se encontrava em campanha desde janeiro de 1994 era Luís Inácio Lula da Silva. Lula liderava as pesquisas com trinta por cento das intenções de voto. Entre os demais pré-candidatos nenhum alcançava vinte por cento das intenções. O discurso de Lula era pautado em cima da desilusão da população com a situação em que se encontrava o país, de estagnação econômica e hiperinflação. Lula era o principal expoente da esquerda brasileira e aglutinava em torno de si a grande massa de eleitores descontentes.

Considerando os aspectos previamente mencionados, o objetivo deste capítulo é analisar os sentidos construídos a partir da figura de Luís Inácio Lula da Silva como candidato do Partido dos Trabalhadores. É relevante mencionar que Lula era considerado muito “perigoso” pelas elites, pois seu partido, o Partido dos Trabalhadores, tinha em seu discurso ideais associados aos regimes socialistas como a reforma agrária, o não pagamento da dívida externa, além de compor seus quadros com militantes radicais de esquerda. Se necessário for, será também analisado o modo como os outros pré-candidatos são tratados pelo semanário.

Cabe salientar que Lula já tinha sido candidato a presidência da República no ano de 1989, quanto então, fora derrotado por Fernando Collor de Melo. E despontava ao lado de Leonel Brizola como principal candidato da esquerda no país para as eleições de 1994.

### 3.2 O Sapo Barbudo

Na segunda edição do ano de 1994, a revista *Veja* aborda como uma das questões centrais o controle da inflação pelo governo. A capa da revista trazia a foto do Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso (VER ANEXO 5). Neste momento, a inflação é apresentada como o principal desafio a ser vencido, bem como é dado destaque à corrida presidencial, questionando sobre “*quem teria cacife eleitoral para enfrentar Lula?*”<sup>37</sup>. Nessa matéria, o Ministro Fernando Henrique Cardoso ainda não é apresentado como candidato, mas aparece no gráfico da pesquisa com dez por cento de aceitação, caso fosse candidato.

Na mesma matéria apócrifa, a preocupação com a falta de unidade das elites ainda é ressaltada.

As elites ainda estão tontas com o ano eletrizante de 1993, em que Fernando Collor virou um exilado na casa da Dinda, Maluf foi abalroado pelo caso Pau-brasil, Quércia submergiu sob o peso de sua fortuna e não se conseguiu alguém com chance de disputar o Planalto com o sapo barbudo do PT. (nº 1322, p. 18)

A citação acima destaca como a direita brasileira ficou sem opções após vivenciar, no ano de 1993, os seus principais expoentes envolvidos em casos de corrupção. Era necessário encontrar um nome para representá-la nas eleições de 1994.

Está clara a intenção da revista em fazer com que as elites políticas se definam logo na busca por um candidato capaz de enfrentar Lula, afastando a possibilidade de que ele se torne o próximo presidente. O preconceito e a rejeição da revista em relação a Lula fica visível na maneira que o autor da reportagem se refere a ele: “*o sapo barbudo do PT*”<sup>38</sup>. Expressão que teria sido usada pelo candidato Leonel Brizola nas eleições de 1989. Essa expressão é empregada aqui para se referir a Lula de maneira pejorativa, o sapo que a direita não queria engolir.

A questão da sucessão é tratada na edição nº 1324 em um artigo assinado pelo jornalista Marcos Sá Corrêa cujo título é “*PT contra Lula*”<sup>39</sup>. Nele o programa de governo do PT é criticado por ter sempre resposta para tudo e querer agradar a todos.

---

<sup>37</sup> (nº 1322, p. 18)

<sup>38</sup> (nº 1322, p. 18)

<sup>39</sup> (nº 1324, p. 35)

O projeto parece que ficou pronto agora para a eleição passada. Tem respostas para tudo que não se pergunta. Distribui sedativos para os empresários, com o convite para participar do crescimento econômico produzindo artigos populares e animar o mercado com aumento de salários. Dispõe-se a subvencionar a terapia ocupacional para os militares da caserna, com verbas para as pesquisas nucleares. Exuma o problema da dívida externa.” (nº 1324, p. 35).

Esse fragmento representa claramente uma crítica ao projeto de governo do PT, por que demonstra que o mesmo está deslocado do contexto atual, ao mencionar que o projeto seria para a “eleição passada”. Ao mesmo tempo acusa o projeto de ter respostas para todos os males brasileiros. No entanto, o jornalista salienta que há em Lula uma rejeição implícita. Para provar a sua rejeição, o jornalista recorre aos números de uma pesquisa de voto que mantém a margem histórica de Lula de trinta por cento, e encerra afirmando que será difícil para o PT “*transformar o Lula dos trinta por cento, no Lula da maioria*”<sup>40</sup>.

### 3.3 Caravana da cidadania

“*O PT discute fumaça e o seu candidato vai para a estrada, aplaca a direita e afaga a esquerda*”<sup>41</sup>, é com esse título que começa a reportagem sobre a caravana de Lula pelo interior do Sul do Brasil (Veja, nº 1329). Na reportagem, o jornalista Elio Gaspari relata sua experiência em acompanhar a chamada caravana da cidadania do candidato Lula. A caravana teve como objetivo percorrer todo o interior do Brasil, vendendo o projeto político do PT e pedindo votos para Lula. De acordo com Lula, a caravana tinha por objetivo conhecer *in loco* os verdadeiros problemas do Brasil.

Tentando representar um petista típico, o jornalista preconceituosamente descreve, segundo sua opinião, um membro do PT: “*Rogério Moraes, 32 anos, auxiliar de enfermagem, fundador do Partido dos trabalhadores de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, é um petista de mostruário. Cabelo até os ombros, jeans, pasta e uma prisão na memória*”<sup>42</sup>. A descrição feita a respeito do presidente do PT da cidade de Uruguaiana, que seria “cabeludo e ex-presidiário”, transmite forte preconceito por parte do escritor da matéria, pois define que todo petista teria em seu histórico um evento marginal, ou desvalorizado pela sociedade. A

---

<sup>40</sup> (nº 1324, p. 35)

<sup>41</sup> (nº 1329, p. 20)

<sup>42</sup> (nº 1329, p.20)

aparência do militante petista seria irrelevante para os leitores, mas a descrição nos mínimos detalhes passa uma má impressão de que os quadros do PT seriam compostos por baderneiros e radicais, e traz também um questionamento: quem seriam os petistas no governo, caso Lula fosse eleito?

O mesmo tipo de discurso preconceituoso é apresentado na seqüência para descrever Lula. De acordo com o artigo, Lula pode chegar para um encontro na prefeitura “*uma hora depois com a camisa suada e boné vermelho*”<sup>43</sup>. Demonstrando desta maneira o desleixo com que o candidato petista se apresenta a quem quer que seja, incluindo as autoridades locais, ou os correligionários do partido. Durante a reportagem, várias referências à figura de Lula soam de forma irônica: “*troca de camisa cinco vezes por dia, na saída de um acampamento dos sem terra com duas bolas de lama nos pés teria se tornado um Sem Sapato*”<sup>44</sup> numa alusão debochada ao movimento sem terra. Complementa-se “*às vezes está sem a camisa molhada, que foi estendida sobre a televisão*”<sup>45</sup>, reforçando a simplicidade e hábitos atribuídos às classes mais baixas. Na mesma página, uma foto (VER ANEXO 7) de Lula em campanha mostra a predominância do tom vermelho. Ou seja, ele apresenta-se sempre com seu famoso boné e de camiseta. A relevância que é dada a cor remete a sua associação com os partidos de esquerda, que tem no vermelho seu símbolo.

O jornalista alerta que faltando sete meses para as eleições Lula está na frente com 30% da preferência de votos. Na capa da edição nº 1329 (VER ANEXO 6), a revista faz alusão a essa afirmação, mostrando Lula caminhando numa rodovia, seus adversários estavam amedrontados e ainda eram incapazes de produzir candidato com 20% da preferência. Outro dado que a revista apresenta é a taxa de rejeição de Lula que teria chegado a 80%. Como a revista chegou a esses números não se sabe, pois se Lula tem 30% das intenções de voto do eleitorado, a sua taxa de rejeição máxima logicamente será de 70% e não 80%. Isso mostra que a revista manipulou os dados para enfatizar a rejeição que Lula possivelmente possuía, considerando o eleitorado.

O semanário deixa claro que o candidato petista impunha medo nas elites, esse medo se resume no antagonismo gerado entre duas vertentes partidárias do PT. Uma radical socialista, e outra moderada que busca alianças e desfaz os temores acerca do partido. *Veja* compara os conflitos ideológicos do partido com uma rebelião da equipe técnica de Frank Sinatra. Inconformada com a escolha de um novo repertório, “*a equipe é capaz de tudo menos*

---

<sup>43</sup> (nº 1329, p. 20)

<sup>44</sup> (nº 1329, p. 21)

<sup>45</sup> (nº 1329, p. 21)

*de cantar*”<sup>46</sup>. Ao relatar o cotidiano da caravana, a reportagem coloca que Lula “*pode elogiar um bom leitão em concórdia, mas não há força no mundo que o faça reclamar dos churrascos graníticos que tritura*”<sup>47</sup>. Esse fragmento transmite a imagem de um candidato atrapalhado e dividido.

Na semana passada enquanto sua caravana atravessava 28 municípios do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o PT parecia rachado ao meio. De um lado, Lula-72, encarnado pela bancada de esquerda da Comissão Executiva, de outro, Lula-94, mais moderado buscando alianças e desfazendo temores. Trata-se de uma briga apaixonada, porém irrelevante”. (nº 1329, p.20).

A dupla personalidade de Lula, descrita nesse fragmento, caracteriza bem as incertezas acerca dos ideais do candidato. Em um comício em Santana do Livramento, Lula exaltado teria falado em “*conquistar a sociedade socialista*”<sup>48</sup>. O que para setores da sociedade brasileira, principalmente aqueles que tem acesso ao semanário, soa como verdadeiro palavrão. A referência a 1972 tem relação com a época em que Lula era líder sindical no ABC paulista.

A revista adverte: “*santa nostalgia- tudo seria mais simples se este Lula não fosse como aquele que passou, mas só ele decide que faixas tocam o 94 ou o 72*”<sup>49</sup>. O medo que o candidato provoca fica saliente no trecho acima, por que Lula não se converte logo a economia de mercado? Por que não abandonar o discurso sobre sociedades socialistas? Discurso que a revista chama de ‘nostalgia’.

O roteiro da caravana foi um produto de engenharia política. Passou das intermináveis estâncias da fronteira com o Uruguai, no pampa gaúcho, às pequenas propriedades da serra. Durante sua marcha, Lula “*atacou o latifúndio improdutivo, avisou que magnata do Sul com mais de 500 hectares sem uso perderá para a reforma agrária*”<sup>50</sup>. Mas manteve contato amistoso com vários latifundiários, escutou as queixas e desabafou num encontro com arroteiros em Uruguaiana: “*em 1989 diziam nesta cidade que se o Lula ganhasse ia tomar a terra de todo mundo. Tudo mentira. Temos de repensar a quantidade de mentiras que se contam neste país*”<sup>51</sup>. Esses dois fragmentos demonstram um paradoxo no discurso petista, por um lado ele avisa que fará a reforma agrária com os latifúndios, por outro

---

<sup>46</sup> (nº 1329, p.21)

<sup>47</sup> (nº 1329, p.21)

<sup>48</sup> (nº 1329, p.22)

<sup>49</sup> (nº 1329, p.22)

<sup>50</sup> (nº 1329, p.24)

<sup>51</sup> (nº 1329, p.24)

lado, diante dos grandes latifundiários, ele se queixa das mentiras que diziam a seu respeito na campanha de 1989.

No decorrer da reportagem, em vários momentos, o semanário mostra Lula indeciso, dividido naquilo que a revista chama de duas versões, um Lula-72 e outro 94. A revista salienta que seu discurso muda conforme a platéia. Em um acampamento dos Sem-Terra, Lula promete reforma agrária, porém na frente dos grandes arroteiros promete subsídios agrícolas e proteção contra as importações do Mercosul: *“um candidato a presidente que viaja pelo Sul oferecendo menos importações, mais subsídios e melhores preços é coisa tão velha quanto o pasto. Em geral começam por Livramento e diferem apenas no estilo”*<sup>52</sup>.

O candidato Lula teria quebrado o próprio discurso de suas campanhas presidenciais, inclusive o de 1989. Dividiu-se entre os grandes plantadores e os pobres assentados de programas governamentais e invasões. A revista demonstra que *“Lula-94 é capaz de fazer coisas que Lula-72 não fazia, mas a naturalidade com que se meteu nos caminhos de barro dos assentamentos indica que esse Lula recente é capaz de qualquer coisa que o de 1972 tenha feito”*.<sup>53</sup> Nessa afirmação, a revista deixa transparecer o medo de que Lula cometa atitudes de caráter esquerdista, caso seja eleito, referindo mais uma vez a época em que Lula era sindicalista e liderava greves no ABC paulista.

A reportagem *“Candidato cor de Rosa”*<sup>54</sup> na segunda edição de maio, retratou a mudança no discurso do PT em relação à dívida externa. Lula, reunido numa convenção do partido, teria discutido de que maneira abordar a questão da dívida externa durante a campanha, durante três dias com os seus principais dirigentes e alguns economistas. A moratória da dívida externa era uma antiga bandeira do PT, que começava a cair por terra.

Agora, quando Lula lidera as pesquisas com a marca espetacular de 42% das intenções de voto, exibindo chances muito concretas de chegar ao Planalto, a conversa mudou. Aproveitara-se simultaneamente uma bandeira branca para os credores internacionais e um palavreado vermelho para a militância. O candidato do PT anuncia caso chegue ao governo, irá cumprir os pagamentos da dívida externa. (nº 1339, p.49).

A revista diz que *“o PT mostrou que é possível virar social democrata em três dias. Agora Lula terá quatro meses de campanha para convencer o eleitorado a acreditar*

---

<sup>52</sup> (nº 1239, p.26)

<sup>53</sup> (nº 1329, p. 26)

<sup>54</sup> (nº 1339, p 49.)

nisso”<sup>55</sup>. A crítica do semanário neste momento é mais uma vez na mudança ideológica de Lula e do próprio PT, que muda o discurso para acalmar os credores internacionais. Em tom irônico assinala “Lula fez barba e cabelo no encontro do PT, sob o risco de chegar depenado ao palanque”<sup>56</sup>.

A dívida externa e os credores internacionais são o mote da reportagem exibida na edição nº 1340. Na matéria “Viagem simpatia” (p. 26), *Veja* descreve a peregrinação do candidato: “Lula passa cinco dias nos Estados Unidos repetindo que quer pagar a dívida”<sup>57</sup>. Afirmação que o próprio semanário parece duvidar juntamente com os próprios banqueiros internacionais citados na reportagem. Segundo a revista, “Lula foi obrigado a repetir quinze vezes que, caso chegue ao Planalto, seu governo irá cumprir os acordos já firmados com a banca internacional”<sup>58</sup>.

O semanário transcreve as palavras do banqueiro Bill Rhodes, chefe do cartel dos credores, a respeito do discurso de Lula: “retórica à parte e ideologia de lado, Lula tem cara de ser mais confiável para cumprir acordos negociados do que outros políticos brasileiros mais conservadores”<sup>59</sup>. De fato, Rhodes estaria “esforçando-se para ser simpático mas sem desfazer a impressão de que não leva o candidato muito a sério”.<sup>60</sup> Nessa passagem, o semanário, utilizando as palavras do banqueiro, deixa transparecer aos leitores o que seria a sua própria opinião, tomando cuidado para não parecer demasiado tendencioso.

A revista não desconsidera que Lula naquele momento está com 42% das intenções, e possivelmente muitos de seus leitores votariam nele. O artigo destaca que “na campanha de 1989, o interesse nos Estados Unidos pelas idéias de um candidato com 3% na pesquisas era tão modesto que Luís Inácio Lula da Silva matou a curiosidade da maioria dos interlocutores distribuindo folhetos em inglês”<sup>61</sup>. Agora com mais que “o dobro das intenções de voto do segundo candidato”<sup>62</sup> o interesse dos americanos seria outro?

O ex-embaixador no Brasil durante o golpe de 1964, Lincoln Gordon, ao assistir a duas palestras de Lula teria afirmado: “Lula tem um ótimo discurso, mas será um desastre administrando”<sup>63</sup>. Com as palavras de Lincoln Gordon, *Veja* encerra a matéria sobre a viagem de Lula aos Estados Unidos, transmitindo uma visão bastante negativa de Lula.

---

<sup>55</sup> (nº 1339, p. 49)

<sup>56</sup> (nº 1339, p. 49)

<sup>57</sup> (nº 1340, p. 26)

<sup>58</sup> (nº 1340, p. 26)

<sup>59</sup> (nº 1340, p. 26)

<sup>60</sup> (nº 1340, p. 26)

<sup>61</sup> (nº 1340, p. 26)

<sup>62</sup> (nº 1340, p. 26)

<sup>63</sup> (nº 1340, p. 28)

### 3.4 O brilho que assusta

Significativa para o nosso trabalho, e até mesmo didática, foi a matéria de capa (VER ANEXO 9) da edição nº 1344, cujo título é: “*Por que o partido de Lula brilha e assusta?*”<sup>64</sup>. No decorrer da reportagem, *Veja* faz uma análise detalhada do Partido dos Trabalhadores, enumerando as principais pessoas que compõem o núcleo dirigente do partido, e o que pensam esses dirigentes. A preocupação da revista se justifica por temer a chegada do PT ao poder no momento em que as intenções de voto apontadas nas pesquisas concretizam um possível favoritismo de Lula.

Criado a catorze anos em um encontro de sindicalistas, intelectuais e esquerdistas num restaurante frango-com-polenta em São Bernardo do Campo, o Partido dos Trabalhadores chega a 1994 como uma estrela que brilha e assusta. Luís Inácio Lula da Silva, patrono e líder máximo, concorre à Presidência da República com mais intenções de votos do que a soma de seus adversários. (nº 1344, p.38)

O esforço de mostrar o PT como um partido de segunda ordem fica claro na definição de sua criação, ou seja, ele foi criado em um restaurante “*frango-com-polenta*”<sup>65</sup>, por uma mistura de “*sindicalistas intelectuais e esquerdistas*”<sup>66</sup>. Ao contrário da maioria dos partidos brasileiros que têm a sua origem em dissidências de partidos mais antigos, o PT não deriva de nenhuma agremiação política, mas sim do seio da própria “classe operária” paulista. Sendo assim, não teria tradição nem *pedigree*.

A revista reflete sua preocupação com Lula de forma clara, e vendo o seu crescimento nas pesquisas eleitorais joga as cartas na mesa.

Lula não é um candidato que tranqüiliza. Com um braço na CUT e outro nos Sem-Terra, o PT é um partido associado à idéia de desordem. Em caso de vitória de Lula, existe a possibilidade de elevação da temperatura social no país, com greves e invasões de terras numa escalada como nunca se viu. (nº 1344, p.38).

O semanário aborda de forma radical a possibilidade da eleição de Lula, mostrando aos leitores que caso ele seja eleito, há a possibilidade de o país entrar em clima de convulsão social. Mais adiante continua

---

<sup>64</sup> (nº 1344, p. 38)

<sup>65</sup> (nº 1344, p. 38)

<sup>66</sup> (nº 1340, p. 28)



O PT é contra as privatizações de estatais e seu programa admite reestatizar empresas privatizadas. Diz que pretende estimular a geração de empregos retirando dinheiro estocado no mercado financeiro – o que só seria possível através de intervenção no mercado de matiz caloteiro”. (nº 1344, p. 38).

Observa-se, desse modo, como o semanário constrói o que seria um possível governo petista, um governo de caráter claramente socialista, e principalmente contra a incipiente liberalização da economia que vinha ocorrendo. A revista assusta os investidores ao prever a possibilidade de um governo petista intervir com a mão pesada do Estado no mercado financeiro, pois “*quanto mais clara se torna a vantagem de Lula no Ibope, mais nebulosas ficam suas possíveis linhas de ação no governo*”<sup>67</sup>..

Aproveitando-se novamente da opinião de terceiros, neste caso, a partir de observações de Antônio Carlos Magalhães, *Veja* insere Lula dentro de um quadro comparativo. Para ACM, Lula “*tornou-se um símbolo da vontade de mudança. O problema é que o Brasil já elegeu outros símbolos: Fernando Collor em 1989 e Jânio Quadros em 1960*”<sup>68</sup>. Ao comparar Lula a Collor e Jânio Quadros, o semanário, através das palavras de Antônio Carlos Magalhães, apresenta dois presidentes eleitos pelo povo que não terminaram seus mandatos, relacionando-os diretamente com a imagem de Lula. Segundo Antônio Carlos Magalhães, o povo tem que tomar cuidado com os símbolos de mudança que escolhe, pois o candidato do PT poderia ter um destino, caso fosse eleito, igual aos dos ex-presidentes citados.

Nesse contexto, a pior advertência teria vindo do próprio Fernando Henrique Cardoso, que disse: “*se Lula for eleito, seu partido levará o Brasil para um clima de terra em transe*”<sup>69</sup>. A advertência de Fernando Henrique e Antônio Carlos Magalhães é claramente dirigida àqueles leitores da revista que por algum motivo estariam pensando em votar no PT. O fragmento do discurso de FHC “*o clima de terra em transe*” transmite a idéia de desordem social e desagregação da sociedade, refletindo o principal medo da “elite” política brasileira. O que supostamente aconteceria caso o PT chegasse ao poder, entretanto tais análises não teriam outra função, a não ser intimidar os e-leitores de *Veja*.

Na seqüência, o semanário descreve o PT como um partido de diversas matizes, cita o exemplo dos estudantes de medicina de Ribeirão Preto – SP, que fundaram um núcleo do partido em 1980, e doze anos depois elegiam o prefeito da cidade, Antônio Palocci Filho,

---

<sup>67</sup> (nº 1344, p. 39)

<sup>68</sup> (nº 1344, p. 39)

<sup>69</sup> Em uma alusão á obra prima de Glauber Rocha que transformou em ficção cinematográfica a agonia do governo João Goulart. (nº 1344, p 39)

mostrado como exemplo de boa administração e coerência de idéias moderadas. Essa descrição demonstra uma visão mais positiva do PT, ou seja, “o clima de terra em transe” poderia, de certa forma, ser evitado. Paradoxalmente, junto com o bom exemplo de Palocci, a confusão interna do PT é apontada.

O PT que carrega Lula em sua campanha é um partido confuso, que não sabe direito o que quer. Que tem radicais, moderados, comunistas e católicos, estudantes que se tornaram prefeitos, sindicalistas que conquistaram um mandato parlamentar, trabalhadores horrorizados diante da possibilidade de voltar à produção um dia. (nº 1344, p. 41)

O partido é apontado como confuso não sabendo o que quer, boa parte desta confusão tem origem nas suas próprias fileiras, ao tentar aglutinar pensamentos das mais diversas matizes. Apesar de apontar o PT como partido ético, o semanário nos lembra que ele não é tão diferente dos demais partidos, pois não estaria “*livre da praga do empreguismo público*”<sup>70</sup>. Segue-se “*depois da conquista de três prefeituras de capitais, em 1988, abriram-se milhares de empregos*”<sup>71</sup>., confirmando a idéia que o PT não é muito diferente dos outros partidos no que se refere à utilização da máquina pública em proveito próprio. Esses empregos teriam permitido ao partido a formação de uma burocracia interna, composta por dirigentes profissionais que ora garantem o emprego num cargo do partido, ora são premiados com um posto de confiança na administração.

A análise que *Veja* faz da bancada do PT no Congresso Nacional também se torna relevante para entendermos o posicionamento da revista. Neste sentido, a revista aponta que dos “*36 deputados, onze são sindicalistas, outros cinco são lavradores, que nunca foram sem-terra, mas pegaram na enxada, o restante muito próximo do figurino convencional*”<sup>72</sup>. Em seguida, a revista continua analisando os congressistas: “*a bancada petista adora caçar manchetes de jornal e dispõe de um sistema de arapongas que vivem à procura de irregularidades capazes de alimentar dossiês contra os adversários*”<sup>73</sup>.

Esses fragmentos mostram que os representantes do PT no Congresso Nacional são capazes de fazer “o jogo sujo da política” ao buscar dossiês incriminatórios contra os adversários. Ao mesmo tempo, o semanário aponta que muitos parlamentares estariam “próximos do figurino convencional”, o que daria margem ao leitor interpretar como

---

<sup>70</sup> (nº 1344, p. 41)

<sup>71</sup> (nº 1344, p. 41)

<sup>72</sup> (nº 1344, p. 41)

<sup>73</sup> (nº 1344, p. 42)

parlamentares associados ao clientelismo e ao fisiologismo, do qual são tão acusados os deputados.

Nesse contexto, podemos questionar: Como ficaria a base de apoio ao governo no congresso, caso o PT de Lula ganhasse as eleições? Sendo que, como o próprio semanário relata, “*a bancada do PT, não é formada nem por gênios nem por charlatães*”<sup>74</sup>. Que comprometimento teria esses congressistas com a governabilidade e os rumos do governo?

De acordo com o semanário, o PT seria o segundo maior partido personalista do Brasil: “*o PT possui traços que não se alteram. Só não é o partido mais personalista do país porque ainda existe o PDT de Leonel Brizola*”<sup>75</sup>. As razões para tal afirmação são o apego do PT à imagem de Lula, o partido não teria nenhum candidato que o substituísse, o que talvez seja um fato, e por ter crescido à sombra de Lula, seria seu refém. A crítica feita a postura do PT e Lula é sintetizada nesta passagem:

Ocorre que o PT é um partido confuso-reformista, que agrada tanto a multidões de miseráveis quanto a setores empobrecidos da classe média, todos eles dispostos a dizer não aos usos e costumes da política brasileira. Seu maior problema talvez seja o de suas relações com as instituições democráticas. Jamais se ouviu de Lula, por exemplo, uma palavra de elogio ou mesmo de defesa ao congresso. Ao contrário, é dele a generalização grosseira de que há ‘300 picaretas’ no congresso. É de Lula também o conceito de que não precisa submeter-se a leis injustas, como a que proíbe que use um carro de som de sindicato. Como congresso e lei fazem parte da democracia, Lula parece querer considerar-se acima deles. (nº 1344, p. 45).

No trecho acima está a síntese da razão pela qual o Partido dos Trabalhadores brilha e assusta. A sua ideologia “confuso-reformista” é uma incógnita que o semanário parece temer, e o medo maior é que, caso seja eleito, o PT abandone a democracia adotando um governo de caráter populista, encaminhando-se para uma ditadura personalista com Lula encarando a figura do novo “pai dos pobres”.

Ao vincular a imagem do PT a Lula, demonstrando que o partido segue seu líder, a revista tenta mostrar para os eleitores que simpatizam com Lula, mas não com o PT, que ambos são a mesma coisa. Ao mostrar Lula desprezando o sistema democrático, e desfazendo do Congresso e das leis, *Veja* questiona qual o posicionamento que Lula teria frente ao Congresso e ao próprio sistema democrático caso fosse eleito. Este seria o sentimento da elite brasileira em relação ao PT, elite que a revista representa ou pretende representar.

---

<sup>74</sup> (nº 1344, p. 41)

<sup>75</sup> (nº 1344, p. 43)

### 3.5 Na reta final as denúncias

Na edição nº 1352, em uma matéria cujo título é *“Inflação da retórica. Lula gosta de contar a mesma história em cada comício, mas ele muda a cada parada do caminhão de som”*.<sup>76</sup>, a revista evidencia que Lula vem aperfeiçoando sua retórica de palanque a mais de vinte anos. Lula gosta de contar histórias que servem para prender a multidão, e dar um pouco mais de emoção ao discurso, o grande problema apontado pela revista seria o seu “catástrofismo” ao abordar certos assuntos. Essa idéia pode ser comprovada pelo seguinte fragmento conforme a revista: *“durante sua última viagem aos Estados Unidos, em maio deste ano, o petista passou cinco dias falando que o Brasil possuía 64 milhões de miseráveis. É o dobro do anunciado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, que contabilizou 32 milhões”*.<sup>77</sup>.

Esse comportamento, segundo o semanário, indicaria que a arma de campanha predileta de Lula seria o “catástrofismo”, técnica de quem acredita que quanto pior estiver o mapa social do país, melhor para o candidato. *Veja* adverte que *“talvez Lula pense assim mesmo, mas ao passar tão longe de dados concretos, fica mais difícil acreditar no que ele diz”*.<sup>78</sup>. A sentença da revista é forte e questiona a credibilidade das palavras de Lula. Com todo o país torcendo pelo sucesso do Plano Real, colocar o candidato petista como torcendo contra, contando histórias, seria uma forma de desacreditá-lo diante de seus eleitores.

A revista cita que *“com o plano real em seu encaicho Lula tem feito repetidos exercícios em torno de uma velha técnica. Contar fábulas que misturam personagens verdadeiros com situações imaginárias”*.<sup>79</sup>. A referência a fábulas se deve as invenções de Lula como no caso da história da denúncia feita por Vicente Paulo da Silva, presidente da CUT. Ele teria adquirido 80% da cesta básica com o salário mínimo em junho e no mês seguinte, com o mesmo salário mínimo teria comprado apenas 55% da mesma cesta. O problema apontado por *Veja* é que a cada comício Lula mudava os índices e a forma de contar a mesma história, divergindo da história real, por isso não merecendo credibilidade.

Na matéria da edição nº 1355 assinada pela jornalista Mônica Bergamo e por Paulo Moreira Leite com o título *“O triângulo amigo”*, a revista denuncia o envolvimento do tesoureiro do PT com verbas da prefeitura de São José dos Campos-SP destinadas a uma

---

<sup>76</sup> (nº 1352, p. 36)

<sup>77</sup> (nº 1352, p. 37)

<sup>78</sup> (nº 1352, p. 37)

<sup>79</sup> (nº 1352, p. 36)

empresa que prestava serviços superfaturados. A revista destaca: “ninguém podia imaginar que o mais novo espinho na campanha de Luís Inácio Lula da Silva fosse aparecer naquela disciplina em que o PT sempre tirou a medalha de primeiro da classe, a dos bons costumes políticos”.<sup>80</sup>.

Após o contrato ser considerado irregular pela justiça e a prefeitura petista de São José dos Campos cancelar o contrato com a empresa CPEM, condenada a devolver dez milhões aos cofres públicos, o próprio tesoureiro do PT Paulo Okamoto teria ido a São José dos Campos intervir em favor da empresa. Paulo Okamoto era o responsável pelas finanças do partido de Lula desde 1989 ao que *Veja* denuncia:

Com uma existência longe dos olhos do eleitorado, o metalúrgico Paulo Okamoto.(...) Em 1994, também está encarregado de assinar cheques para as despesas de campanha de Lula e, há poucos dias na bagunça permanente em que o PT se transformou desde que Fernando Henrique Cardoso assumiu a liderança nas pesquisas, foi promovido a um dos homens fortes do comando da campanha. Na semana passada descobriu-se que o tesoureiro de Lula ocupou um lugar central numa operação envolvendo uma prefeitura do PT, uma empresa de prestação de serviços públicos e o clássico caminho pelo qual o dinheiro do contribuinte costuma ser desviado para os cofres dos partidos políticos. (nº 1355, p. 28).

A denúncia envolvendo o tesoureiro do Partido dos Trabalhadores com a empresa prestadora de serviço público, justamente na semana em que FHC passava Lula nas pesquisas, atingia diretamente o candidato petista. *Veja* faz questão de salientar que em 1994 o tesoureiro Paulo Okamoto “também está encarregado de assinar cheques para as despesas da campanha”<sup>81</sup>, o que tornava o fato ainda mais grave. A conexão entre os possíveis desvios de dinheiro público na prefeitura citada e a campanha de Lula é constatada na seguinte frase: “o clássico caminho pelo qual o dinheiro do contribuinte costuma ser desviado para os cofres dos partidos políticos”<sup>82</sup>.

Para um leitor mais atento o que a revista quer dizer é, se o tesoureiro do Partido, a pessoa responsável “pelos cheques da campanha”, está envolvido com contratos irregulares entre empresa e prefeitura, com o possível desvio de dinheiro para o partido, o próprio financiamento da campanha de Lula poderia ser em tese beneficiado por este dinheiro ilícito. Para validar a denúncia, *Veja* apresenta as palavras do vereador Luiz Paulo Costa (PSB-São José dos Campos), cabo eleitoral de Lula. Para ele, a suspeita de que a CPEM tem

---

<sup>80</sup> (nº 1355, p. 28)

<sup>81</sup> (nº 1355, p. 28)

<sup>82</sup> (nº 1355, p. 28)

envolvimento com a cúpula do PT circula nos gabinetes dos partidos de esquerda e embora nunca tenha sido comprovada, causa grande preocupação

Para defender essa tese, *Veja* faz uma análise da vida do advogado e amigo de Lula, Roberto Teixeira. Esse teria um irmão como advogado da CPEM, que seria a conexão entre o PT e a empresa. A revelação é agravada pelo fato de Lula residir de favor em um imóvel pertencente a Roberto Teixeira desde 1989. Para o semanário, Roberto Teixeira seria o PC Farias de Lula, pois “*como sempre acontece quando o tema são as finanças do PT, o nome do amigo Roberto Teixeira vem à tona*”.<sup>83</sup>. Segundo a revista, sempre que surgiam perguntas sobre o advogado e empresário Roberto Teixeira, “*Lula comporta-se como se não visse nada de mais nessa amizade que lhe permite morar de graça numa casa com um bom jardim e ambientes espaçosos, cujo aluguel não sairia, em valores de mercado, por menos de 1500 dólares*”.<sup>84</sup>.

Isso mostra que Lula apesar de ser amigo de Roberto Teixeira, teria uma dívida no mínimo de gratidão com o mesmo. E estando o empresário sempre ligado às finanças do PT, como mostra a revista, não seria de se duvidar que ele teria interesses muito maiores do que apenas a amizade de Lula.

Encerrando a campanha eleitoral de 1994, na primeira semana de outubro, o semanário no seu editorial da edição nº 1360, que chegou nas bancas em boa parte do país no dia da eleição, menciona a opinião dos eleitores sobre a campanha.

O eleitor brasileiro, como mostra a reportagem de capa desta edição, feita com base numa pesquisa exclusiva para *Veja*, é realista e modesto nos seus objetivos. Quer que o governo não lhe bagunce a vida. Não acredita em salvadores da pátria. Quer estabilidade, paz para trabalhar e progredir”.(nº 1360, p. 31).

Qual dos candidatos se encaixaria no que *Veja* chama de salvador da pátria? Nas páginas da matéria “*Eles têm o país na ponta da língua*”<sup>85</sup>, o semanário faz uma descrição das expectativas e pensamentos do eleitor acerca dos dois principais candidatos. No caso de FHC, o povo diz que o governo seria tranqüilo: “*Sinto como se estivesse num avião em que Fernando Henrique é o piloto. Se não me apoio não me esborracho. Não vou deixar outro tarado entrar lá e desmanchar tudo*”<sup>86</sup>.. As frases acima revelam, segundo a revista, o que o povo espera de FHC, ou seja, tranqüilidade, continuidade de um projeto político o Real.

---

<sup>83</sup> (nº 1355, p. 31)

<sup>84</sup> (nº 1355, p. 31)

<sup>85</sup> (nº 1360, p. 32)

<sup>86</sup> (nº 1360, p. 34)

Quanto a Lula, o povo acha que não deixariam Lula governar: “*fico numa tremenda expectativa. Quero votar no Lula, mas ouço muito comentário de que, se ele ganhar, seis meses depois os militares tomam conta*”<sup>87</sup>. Aqui a revista vincula o Partido dos Trabalhadores a desordem, além da idéia de medo de um retorno dos militares.

Para aqueles eleitores que ainda estavam em dúvida, a matéria “*o duelo no papel*”<sup>88</sup> faz uma análise comparativa das propostas do governo de Lula e FHC. Para o semanário, votar sem conhecer o programa de governo é como “casar sem conhecer direito o cônjuge”. Em um quadro comparativo, *Veja* destaca as principais propostas dos dois candidatos:

TABELA 1:

FHC	LULA
<p>“O grande desafio histórico que temos de enfrentar é (...) redefinir um projeto de desenvolvimento (...) Isso depende basicamente de três condições: a) refazer o esquema de refinanciamento do desenvolvimento; b) eleger a criação de empregos como a forma duradoura de distribuição de renda; c) fortalecer o poder decisório (inclusive sobre o próprio aparelho do Estado, que deve ser reformado) para a realização eficiente de projetos sociais compensatórios e para a defesa dos interesses nacionais em plano internacional.</p> <p>- Privatização: “Ampliar a abrangência do programa para as áreas de infraestrutura e de serviços públicos”;</p> <p>- Reforma agrária: “o objetivo é assentar 40.000 famílias no primeiro ano, 60.000 no segundo, 80.000 no terceiro e 100.000 no quarto;</p>	<p>“Com o governo Democrático e Popular, as maiorias nacionais serão chamadas a um engajamento ativo na definição das questões econômicas. Assumindo a direção da nação, promoverão um processo de redemocratização da vida econômica e procurarão reorientar a economia, buscando um novo ciclo de desenvolvimento, baseado na constituição de um mercado interno de massas, isto é, na criação de um círculo virtuoso de crescimento entre salários, produtividade, consumo e investimentos”.</p> <p>-Privatização: “O programa nacional de desestatização será interrompido e revisto”;</p> <p>-Reforma agrária: “Espera-se assentar 800.000 famílias nos quatro anos de governo. Serão passíveis de desapropriação propriedades superiores a 500 hectares nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste; a 1000 hectares no Centro Oeste e a 1500 hectares na Região Norte;</p>

O plano de governo de FHC, no que diz respeito à economia, tem caráter liberal, ao propor eleger a criação de empregos como forma de distribuição de renda se mostra contra o assistencialismo. O plano de Lula não menciona a criação de empregos, apenas no aumento dos salários para com isso criar “um mercado interno de massas”. Quanto à forma de gerir o

<sup>87</sup> (nº 1360, p. 35)

<sup>88</sup> (nº 1360, p. 42)

país, FHC propõe fortalecer o poder decisório, enquanto Lula propõe “chamar as maiorias nacionais” para a tomada de decisões. Entretanto, ponto mais crítico entre os dois é a parte que trata da reforma agrária. FHC durante todo o seu mandato pretende assentar 280.000 famílias, enquanto Lula promete o assentamento de 800.000 nos quatro anos de seu governo. Mas enquanto Fernando Henrique nada fala sobre desapropriação, o plano de Lula diz que “serão passíveis de desapropriação propriedades superiores a 500 hectares.

Para o semanário, uma proposta de governo emerge da “*utopia*” e outra do “*pragmatismo*”. Disso “*pode-se extrair conclusões positivas ou negativas, de um ou outro lado, de acordo com a perspectiva que se adote*”<sup>89</sup>. Segundo *Veja*, o programa do PT cita pouquíssimas vezes a palavra “socialismo”, mas é evidente que o projeto perpassa uma crítica ao “capitalismo”. Para a revista, “*o projeto a certa altura é descrito como antilatifundiário, antimonopolista, antiimperialista e democrático radical*”<sup>90</sup>. Entretanto, o que mais preocupa o semanário no projeto do PT é o conceito de democracia radical, afirmando a respeito da proposta que

alguns festejarão (...) integrar (...) as multidões tradicionalmente excluídas do processo. Outros farejarão nessa tentativa de ir além da democracia formal um eco da empreitada socialista que, quando levada a prática, tanto superou a democracia formal que acabou na ditadura”. (nº 1360, p. 43)

Para *Veja*, a utopia do projeto petista se insere justamente em transformar decisões de Estado em decisões populares através de um governo plebiscitário. Por último, a revista faz uma crítica ao título do programa de governo: “*o próprio nome que o PT dá a seu governo, Governo democrático e Popular, alguns considerariam de mau gosto, dada sua semelhança com o rótulo de democracia populares que se outorgavam os malfadados regimes do Leste Europeu*”<sup>91</sup>. A escolha do título do programa de governo parece de mau gosto para o semanário, em função da sua comparação com os regimes comunistas da Europa, o que seria inevitável. Outra análise que *Veja* faz é a afirmação de que a “democracia radical” pode levar a democracia formal a se transformar em “ditadura”, remetendo o e-leitor a mesma preocupação com as propostas de governo de Luís Inácio da Silva.

Para concluir este capítulo, o semanário reconhece a contribuição que o PT deu à democracia no Brasil nos mais de 14 anos de sua existência. Mas transpareceu no seu discurso

---

<sup>89</sup> (nº 1360, p. 43)

<sup>90</sup> (nº 1360, p. 43)

<sup>91</sup> (nº 1360, p. 43)



a oposição ao radicalismo petista. A sua preocupação estaria em Lula se tornar alternativa eleitoral, para aqueles eleitores desiludidos com a classe política, entretanto, o que mais preocupava a revista era como um possível governo petista se comportaria no poder caso fosse eleito. Para isso envidou esforços para demonstrar aos seus leitores que um governo petista estaria associado com as idéias socialistas de esquerda e com a desordem e a desagregação social. Então, a alternativa seria Fernando Henrique Cardoso, restaria saber como ele seria tratado pelo semanário no ano eleitoral de 1994.

## **4. VEJA: A ELEIÇÃO DE 1994 E FERNANDO HENRIQUE CARDOSO**

### **4.1 Introdução**

Neste capítulo, pretendemos analisar como a revista *Veja* representou o candidato à presidência Fernando Henrique Cardoso no período compreendido entre 01 janeiro a 12 de outubro de 1994. Nesse período, a definição dos candidatos à presidência da República e a disputa eleitoral propriamente dita ocorreram no contexto político brasileiro.

No final de 1993, o plano de estabilização econômica de Fernando Henrique, chamado de FHC2, encontrava-se no Congresso para aprovação. O plano previa o lançamento de uma nova moeda em 1994, que se chamaria *Real*. O plano, que ficou conhecido como *Plano Real*, teria importante papel nas eleições presidenciais.

O único pré-candidato que já se encontrava em campanha no início de 1994 era Luís Inácio Lula da Silva. Lula liderava as pesquisas com trinta por cento das intenções de voto. Entre as elites políticas do país incomodava a idéia de um candidato francamente de esquerda chegar ao poder. Entretanto, elas não encontravam candidato que pudesse superar Lula, porque em janeiro de 1994, as pesquisas eleitorais apontavam Maluf com 13% e Fernando Henrique com 10 %. Os demais pré-candidatos apontavam índices entre 1% e 7% das intenções de voto nas pesquisas.

Nesse contexto, o objetivo deste capítulo é analisar os sentidos que são construídos em relação à figura de Fernando Henrique Cardoso na linguagem da revista *Veja* no ano de 1994. Essa análise levará em conta FHC como ministro à frente da pasta da Fazenda e posteriormente como candidato à presidência.

### **4.2 O consenso das elites**

Na edição nº 1321, p. 32, a revista demonstra certa preocupação pelo fato das elites políticas brasileiras não terem entrado ainda em acordo a respeito de seu candidato nas eleições presidenciais marcadas para 1994. A revista reporta através de Elio Gaspari um de seus editores que

É pelo menos preocupante que as forças econômicas e políticas que governam o país há trinta anos entrem num ano de eleição presidencial sem candidato visível. Pior ainda que circule a lorota segundo a qual Luís Inácio Lula da Silva seja uma alternativa para o eleitorado brasileiro (...) Lula está à direita do PT e uma vez no poder livra-se da esquerda, Lula será uma fraude, bendita e grátis. (nº 1321, p. 32).

Nessa passagem, a revista alerta as “elites” políticas brasileiras no sentido de que elas resolvam seus problemas internos, ou correrão o risco de ver o crescimento de uma candidatura de esquerda no governo do Brasil. A revista através de seu articulista demonstra preocupação com a candidatura de Lula pelo fato de estar circulando “lorotas” de que ele seria uma alternativa para os eleitores. Claramente, a revista rejeita essa alternativa, e não deixa dúvidas de que lado se encontra. Essa reportagem dá o mote de como será o ano de 1994 para a política no Brasil, considerando a corrupção e as eleições presidenciais como temas principais.

Na edição seguinte de nº 1326, as atenções da revista se direcionam para Fernando Henrique Cardoso. Já no editorial temos uma amostra do que seria o principal assunto: o plano de estabilização econômica do Ministro da Fazenda. A revista faz uma crítica ao Congresso Nacional mencionando que esse tem “*a obrigação de votar a proposta do Governo, que inclui a redução do déficit administrativo*”<sup>92</sup>. Além disso, acusa o Congresso de estar acumulado de disputas entre os próprios parlamentares, pendengas partidárias, as quais abrangem assuntos como a revisão constitucional e a sucessão presidencial.

A revista exorta os parlamentares apontando que “*o equilíbrio das contas públicas é o primeiro passo para encetar o combate à inflação*”<sup>93</sup>, e encerra o editorial ressaltando: “*há que deixar de lado, ao menos momentaneamente, as outras questões, para se concentrar naquilo que é essencial para o Brasil. É essa a obrigação do Congresso*”(nº 1326,p.15). Notamos, nesse fragmento, um tom ao mesmo tempo de repreensão e alerta. A revista tratará do mesmo assunto na matéria que abre a seção *Brasil* com a reportagem “*FHC2 por H2O abaixo*”<sup>94</sup>. Nessa matéria, podemos perceber o drama que vive o Congresso naquele começo de fevereiro de 1994.

Há um ano e meio o Congresso passou pelo trauma do *impeachment* de Collor. Há um ano convive com um governo parecido com uma ONG, que até hoje não definiu um rumo claro e troca de ministros num ritmo semanal. Assim não tem uma base parlamentar fazendo com que cada votação se torne um parto doloroso. (nº 1326, p. 18.)

---

<sup>92</sup> (nº 1326, p. 15)

<sup>93</sup> (nº 1326, p. 15)

<sup>94</sup> (nº 1326, p.18)

A crítica feita ao governo, comparando-o a uma ONG<sup>95</sup>, não se aplica ao seu Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, pelo contrário, a revista mostra FHC como o único realmente preocupado em debelar a inflação. Nessa mesma matéria, o Ministro da Fazenda é apresentado como candidato à sucessão do Presidente Itamar Franco. A revista destaca, não revelando a fonte, que desde a sua posse no Ministério da Fazenda em maio de noventa e três “*Fernando Henrique Cardoso planeja deixar o ministério para ocupar o Palácio do Planalto*”<sup>96</sup>. Para tanto, seu plano de estabilização econômica seria a peça fundamental para a sua candidatura.

Em uma reunião, que teria acontecido nos arredores de Brasília, os caciques do PSDB e alguns líderes do PMDB discutiram quais nomes seriam indicados para uma futura aliança dos dois partidos. Teria ficado acertado que o PMDB apoiaria o plano de estabilização econômica do governo no Congresso, para que o ministro ficasse fortalecido junto à opinião pública.

As articulações em torno de Fernando Henrique Cardoso como candidato ficavam cada vez mais claras, e as pressões para que seu plano de estabilização econômica fosse aprovado no Congresso, passavam a ser, conforme apontado nessa matéria, a peça fundamental para o impulso de sua campanha.

Na mesma edição, temos uma reportagem sobre o grande fato político que marcou o ano eleitoral de 1994, ou seja, o lançamento da URV (Unidade Real de Valor). A URV pertencia ao plano econômico chamado FHC2 e seria a última etapa antes da implantação da nova moeda que se chamaria *Real*. Os debates acerca do plano ocorriam no Congresso Nacional desde o final de 1993. Nesse sentido, era necessário que o plano fosse aprovado por parte da casa através de medidas que permitissem ao governo manter o equilíbrio de suas contas.

O muito criticado pela oposição, Fundo social de emergência, finalmente aprovado, permitiria agora que o Ministro da Fazenda lançasse a segunda etapa de seu plano de estabilização. A URV funcionaria como indexador para os preços e salários, e seria reajustada todo o dia acompanhando o valor do dólar. O seu lançamento ocorreu no dia 01 de março. Essas condições implicaram na concretização do Plano Real, contribuindo futuramente para uma melhor aceitação de FHC.

O contraponto dessa matéria, que relata os detalhes do plano econômico que estava sendo lançado pelo governo, estava na matéria sobre a caravana da cidadania de Lula

---

<sup>95</sup> Organização não governamental

<sup>96</sup> (nº 1326, p. 18)

(descrita no Cap III, p. 29). Nela o semanário deixa transparecer claramente os diferentes modos que são tratados os dois candidatos. Luís Inácio Lula da Silva é mostrado dividido entre a direita e a esquerda do PT. A sua jornada pelo interior do país em vários momentos é apresentada como inócua. Entretanto, na matéria que aborda o plano de estabilização econômica de Fernando Henrique Cardoso, *Veja* trata FHC como o homem mais paciente do governo e preocupado com os problemas reais da nossa economia.

O Ministro Fernando Henrique Cardoso foi criticado por todos, e cobrado inúmeras vezes pelo presidente Itamar Franco pela demora em apresentar um projeto de combate à inflação. Justiça se faça ao ministro: ele tem uma santa paciência, porque provavelmente nenhum outro, entre seus últimos, antecessores, agüentou tanta pressão no preparo de um plano. (nº 1329, p.84).

O trecho acima descreve a posição de FHC junto ao governo, mostrando que ele soube agüentar as pressões na demora ao apresentar um plano de estabilização. Devido ao fracasso no combate à inflação nos últimos cinco congelamentos, o plano era esperado com ansiedade, havia “chegado à hora”. Segundo FHC, *“agora não tem mais jeito, a inflação vai baixar”*<sup>97</sup>

Ao descrevermos as duas matérias acima, a primeira que aborda a caravana da cidadania de Lula e a segunda que relata os problemas enfrentados por FHC para ter seu plano econômico aprovado no Congresso, ambas apresentadas na edição nº 1329, podemos notar duas formas de apresentação dos personagens. Fernando Henrique é apresentado como o homem paciente, o estrategista preocupado com uma batalha, um problema real, o combate à inflação. E com a certeza da vitória, como a revista atesta. Enquanto Luís Inácio é descrito como dividido entre duas ideologias, passeando pelo interior do Brasil, fazendo promessas para a esquerda e para a direita. Entrando em contradição, promete terra aos Sem-Terras e subsídios agrícolas aos grandes proprietários, além de “triturar churrascos graníticos”.

### 4.3 Finalmente Candidato

Refletindo sobre a trajetória de Fernando Henrique Cardoso, sabemos que ele assumiu o Ministério da Fazenda em maio de 1993 porque tinha um projeto – candidatar-se a presidente da República na sucessão de Itamar Franco. Coerente com seu plano, criou a URV

---

<sup>97</sup> (nº 13 29, p. 84).

em fevereiro de 1994 e anunciou o Real para o segundo semestre do mesmo ano, para entrar na reta final da campanha com a inflação baixa e cair nas graças do povo. A grande espera finalmente termina, Fernando Henrique Cardoso deixa o Ministério da Fazenda em 30 de março de 1994 e se lança candidato à sucessão de Itamar Franco.

A edição nº 1334 traz na capa a foto de Fernando Henrique Cardoso (VER ANEXO 8) com uma nota focalizada ao Planalto, na indefinição de quem enfrentaria Lula, o semanário nos dá sua sugestão através da foto estampada na capa. Na reportagem que abre a seção *Brasil* uma descrição do novo candidato é apresentada: “o candidato do gogó”<sup>98</sup>. Ao argumentar sobre a candidatura de FHC, a revista aponta: *a inflação continua alta, seu desempenho nas urnas é uma incógnita, mas Fernando Henrique entra na campanha como segundo colocado*<sup>99</sup>. A reportagem traz a descrição do último dia de FHC à frente do Ministério e elenca suas perspectivas em relação à campanha que irá enfrentar.

Na mesma matéria, Fernando Henrique justifica sua candidatura: “*quero ser presidente do Brasil porque acho que sou o mais bem capacitado entre os que estão na disputa. O Maluf também tem condições de exercer a Presidência mais eu sou melhor. Tenho mais experiência, sei o que é este país*”<sup>100</sup>. Esse fragmento mostra a confiança de FHC no que remete à candidatura presidencial. Ele se compara a Maluf destacando a sua importância, sua competência para tal cargo, principalmente por ter experiência e conhecer os problemas e necessidades governamentais brasileiros. A revista complementa, apresentando a possível estratégia eleitoral usada por FHC:

Nada mais natural, pois, que Fernando Henrique Cardoso tenha assumido a dez meses a pasta da Fazenda disposto a usá-la como trampolim para se lançar candidato. Que tenha acalmado Itamar, sempre disposto a dar palpites inoportunos no terreno econômico. Que tenha feito seu plano econômico para poder se lançar mais alto. Que tenha lançado a URV três semanas antes de sair. Que a nova moeda, o real, esteja planejada para ir às ruas em junho. E que pela estratégia de Fernando Henrique, em setembro, às vésperas da eleição, a inflação esteja lá embaixo, sem recessão. Todo o Brasil está careca de saber dessa urdidura. (nº 1334, p. 20).

A revista descreve a estratégia de FHC para se lançar ao Planalto e trata com naturalidade o oportunismo do agora ex-ministro no trato dos assuntos econômicos. Além de lembrar que: “todo Brasil está careca de saber dessa urdidura”, a revista, de certa forma, critica FHC que “*mesmo assim nega a trama e não se comove com as gargalhadas que*

---

<sup>98</sup> (nº 1334, P. 20)

<sup>99</sup> (nº 1334, P. 20)

<sup>100</sup> (nº 1334, P. 20)

*desperta quando sustenta que só decidiu ser candidato em dezembro*<sup>101</sup>. Sobre esse assunto, Fernando Henrique alegou que somente em dezembro teria tido as condições de avaliar seu sucesso caso saísse em campanha. Isso coincide com o lançamento do FHC2, o que para a análise proposta no trabalho, torna-se irrelevante. Entretanto, a maneira como a revista trata o assunto deixa transparecer que toda “urdidura” de FHC seria algo natural e esperado.

Em se tratando de política, devemos levar em conta o pragmatismo, ou melhor, a chamada teoria realista<sup>102</sup>. Neste caso específico, ela serve para explicar de maneira suficientemente clara o que o semanário apresenta. De forma natural, descreve o que seria a manipulação do plano econômico com interesses eleitorais. Essa condição é observável pela teoria realista como a “capacidade da classe política, formada por uma elite<sup>103</sup>, de manipular o controle da representação”, neste caso a habilidade de FHC.

Não por acaso o título da matéria anteriormente citada é “*O candidato do Gogó*”, o que está em jogo neste momento, que de forma clara é questionado pelo semanário, é até quando Fernando Henrique conseguirá manter o controle da sua candidatura à presidência apenas com “o gogó” (a representação). FHC menciona: “*durante um ano, só com o gogó, consegui controlar esse Brasil conturbado*”<sup>104</sup>, deixando entrever uma sensação de onipotência sem apresentar os resultados esperados de controle da inflação. O próprio semanário deixa clara esta preocupação: “*verdade em termos, pois com gogó e tudo a inflação continuou descabelada. E é a inflação que será sua Nêmesis na campanha eleitoral.*”<sup>105</sup>. Ao que o próprio Fernando Henrique teria reconhecido: “*se a inflação não cair, minha candidatura não será nada*”<sup>106</sup>.

O semanário aponta as palavras do ministro para demonstrar sua única preocupação: a candidatura de FHC. O plano econômico tem que dar certo para que ele consiga seu intento nas urnas. Conseqüentemente, derrotar Lula e se tornar o novo presidente da República. Para demonstrar que é possível, o semanário recorre às pesquisas eleitorais que

---

<sup>101</sup> (nº 1334, p. 20)

<sup>102</sup> A primeira vez que uma teoria recebe acabamento suficiente à compreensão de como as coisas acontecem hoje – e não por acaso é chamada de ‘teoria realista’ da política – é no final do século 19. O italiano Gaetano Mosca - no que seria seguido de imediato pelo alemão Max Weber – exigiu da classe política um nível de profissionalização elevado. Os requisitos demandados àquele grupo especial de pessoas - a quem Vilfredo Pareto, contemporâneo dos autores antes citados chamaria de ‘elite política’ – estavam terminantemente associados a um complexo comportamento, cuja principal característica era o controle da representação. (PEREZ, Reginaldo, A classe política e as regras do jogo, diário de Santa Maria, 4 de Setembro de 2005, pg 14)

<sup>103</sup> Para uma descrição detalhada da Teoria das elites ver BOBBIO, 1994, pg 385.

<sup>104</sup> (nº 1334, p. 20)

<sup>105</sup> (nº 1334, p. 20)

<sup>106</sup> (nº 1334, p. 20)

mostram FHC acabando de entrar oficialmente para a campanha e já conquistando o segundo lugar com 19% das intenções de voto.

Após lançar sua candidatura oficialmente para a Presidência da República, Fernando Henrique Cardoso precisaria encontrar um bom nome para ser seu companheiro de chapa. As articulações em torno do PFL encontravam entraves na figura do próprio presidente Itamar Franco que exigia a presença de um mineiro no cargo. Sabidamente bairrista, o presidente Itamar Franco argumentava que o tamanho do colégio eleitoral mineiro mereceria um representante na chapa para a presidência. Sugerindo o nome de Helio Garcia, governador de Minas, o nome de Luis Eduardo Magalhães, filho de Antônio Carlos Magalhães, fora logo descartado pela cúpula tucana, que temia influência exagerada de ACM. A questão do vice da chapa de Fernando Henrique continuava em aberto no que diz respeito ao nome, porém não em relação ao partido, que seria o PFL.

#### 4.4 O Real nas ruas

No mesmo momento em que se decidiam questões internas a respeito da candidatura de FHC, um fato importante animava a campanha de 1994: a desistência de Paulo Maluf a Presidência. Esse fato afetaria diretamente a candidatura de Fernando Henrique, passando automaticamente a ser o escolhido natural dos setores conservadores da sociedade brasileira. Aos poucos a pergunta: quem teria cacife eleitoral para enfrentar Lula? que o semanário apresentou no início deste capítulo começava a ser respondida: “*é pelo menos preocupante que as forças econômicas e políticas que governam o país há trinta anos entrem num ano de eleição presidencial sem candidato visível*”<sup>107</sup>. Com a desistência de Maluf, FHC entrava em campanha já como o segundo colocado e se tornava o anti-Lula por excelência, pois teria “*o charme único de quem agrada a FIESP e o FMI, já foi exilado na Sourbonne e tem alunos que fundaram o PT*”<sup>108</sup>.

A partir de julho de 1994, com a nova moeda o *Real* nas ruas, Fernando Henrique Cardoso passaria a colher os frutos de seu plano econômico. Sua ascendência nas pesquisas é atestada pelo semanário. FHC apresentou diminuição na diferença percentual em relação a Lula, esse em 27 de maio possuía 40% contra 17% de Fernando Henrique, totalizando uma diferença de 23 pontos percentuais. A pesquisa de 7 de julho mostrava Lula

---

<sup>107</sup> (nº 1321, p. 32)

<sup>108</sup> (nº 1321, p. 32)



com 38% e FHC com 21%, a diferença diminuiria para 17 pontos percentuais. O fato da candidatura de Fernando Henrique ter crescido é relatado por ele mesmo nas páginas do semanário: “*o que as pesquisas estão apontando agora eu já venho sentindo há mais ou menos um mês*”<sup>109</sup>, teria comentado o candidato a um assessor. Mais adiante ele reporta: “*agora é o começo de uma arrancada. Vai ser gradativa, mas para cima*”<sup>110</sup>. Com a chegada do *Real*, a campanha de FHC é relatada no semanário.

Em campanha na semana passada Fernando Henrique chegou a vestir jaleco branco durante uma visita a um centro de pesquisas da Embrapa em Planaltina. Mas a grande arrancada prevista para sua candidatura foi preparada nos laboratórios do governo Itamar Franco quando ele ainda se encontrava no Ministério da Fazenda. É a alquimia da sucessão presidencial com o plano Real (nº 1348, p. 20)

*Veja* mostra a “arrancada” que Fernando Henrique teria dado nas pesquisas, fruto possivelmente do Plano Real. Com a certeza de que o Plano Real ajudaria FHC, o semanário aponta: “*não há como saber, agora, se o plano é bom ou ruim, se irá levar o país à prosperidade ou transformá-lo num continente de desvalidos. Dentro da sucessão presidencial sua função exclusiva é de irrigar a campanha Tucana de boas notícias*”<sup>111</sup>. A maneira clara como a revista contempla os fatos não deixa dúvidas, seja qual for o destino que o Plano Real reserva a nação, a sua função seria alçar Fernando Henrique Cardoso a presidência da República.

A maneira como o plano fora elaborado prestava exatamente para ajudar na campanha eleitoral. Pelos planos da equipe do governo, responsável pelo *Real*, a inflação deveria cair em julho e despencar a níveis muito baixos em agosto, podendo subir pelos cálculos dos técnicos em setembro. Como os índices de setembro só seriam divulgados em outubro, depois do primeiro turno, a população já teria aprovado o plano e conseqüentemente FHC já teria se beneficiado.

Aliada à estratégia de FHC estava à boa vontade popular, que esperava ansiosa pela estabilização da economia. Em todos os planos anteriores, a população tinha apoiado as autoridades empenhadas em baixar a inflação, não seria diferente com Fernando Henrique Cardoso, só que desta vez o apoio deveria se refletir nas urnas.

---

<sup>109</sup> (nº 1348, p. 20)

<sup>110</sup> (nº 1348, p. 20)

<sup>111</sup> (nº 1348, p. 21)

A revista já apontava a data em que Fernando Henrique aproximar-se-ia de Lula. Na matéria *“Cadeira vazia, em queda livre nas pesquisas, Lula resolve livrar-se de Bisol”*<sup>112</sup>, o semanário faz uma análise do crescimento de FHC, mostrando que na segunda quinzena de maio ele tinha 21 contra 38% de Lula e agora no final de julho alcançara Lula empatando com 30 pontos percentuais. Para a revista, “o que importa é a tendência, Lula cai enquanto FHC sobe”.

O semanário apontava que as causas do crescimento da candidatura de FHC não seriam somente relativas à implantação do Real, mas também devido às acusações envolvendo o vice de Lula, senador Paulo Bisol. O vice teria se beneficiado de emendas superfaturadas, por isso sua saída da chapa, deixando Lula à deriva. Outra falha creditada ao PT seria a sua falta de rumo na campanha, tentando se mostrar moderado, indo de encontro as suas próprias bandeiras históricas.

O semanário mostra a confiança de Fernando Henrique Cardoso em relação a sua candidatura: *“a eleição está virando (...).É um processo lento, que vinha sendo observado a mais de um mês, mas que se tornou claro agora. Quem se mostrava hesitante agora quer me apoiar e muitos políticos que não estarão comigo no primeiro turno estarão no segundo”*<sup>113</sup>. Várias vezes no decorrer das matérias analisadas, o semanário menciona as palavras de FHC, o que não acontece quando se refere a Lula. Neste caso, Fernando Henrique afirma que o apoio a sua candidatura vem crescendo também por parte dos políticos, que ao observar seu crescimento nas pesquisas correm a sua procura.

#### **4.5 Fernando Henrique passa Lula**

A capa da Edição nº 1351 de 02.08.1994 da revista *Veja* já mostra a definição dos candidatos para o segundo turno. Na matéria que analisa o impacto das pesquisas, temos a foto de FHC sobreposta à foto de Lula, ambas inseridas num símbolo de porcentagem (VER ANEXO 10). Nela o rosto dos candidatos são circulado por cores. No caso de Fernando Henrique circulado pela cor azul, e Lula pelo vermelho, denotando a situação negativa de Lula nas pesquisas eleitorais.

Ao descrever como são feitas as pesquisas quantitativas e qualitativas de opinião, o semanário descreve a nova guinada do PT, que baseado nas pesquisas deixou de criticar a

---

<sup>112</sup> (nº 1348, p. 38)

<sup>113</sup> (nº 1348, p. 38)

nova moeda. A recente estratégia começou com a nomeação do economista e deputado Federal Aloísio Mercadante para vice na chapa de Lula. E a partir da análise de dados coletados em pesquisas, os petistas constataram que o povo aprovou a nova moeda. Na realidade, os eleitores temiam que com suas críticas ao Real, Lula tentasse chegar ao Planalto para trocar a moeda mais uma vez. Nesse contexto, a revista expõe: “*o PT deu uma guinada eleitoral e parou de chamar o Real de pesadelo. Ataca o plano mas defende a moeda. Diz que com Fernando Henrique, o país convive com moeda forte e salário fraco. E promete que com Lula, haverá Moeda Forte e Salário Forte*”.<sup>114</sup>.

A nova ênfase da campanha de Lula está em torno do salário mínimo que com a chegada do *Real* perdeu seu poder de compra. Na mesma matéria, o semanário descreve como ocorreram as pesquisas qualitativas. Em uma sala eram reunidos cidadãos de diferentes camadas sociais e profissões, o diálogo dos participantes da pesquisa foi transcrito na *Veja*, mostrando o que pensam os eleitores.

Em Belo Horizonte, *Veja* assistiu a uma dessas reuniões promovida pelo instituto *Vox Populi*. Eram dez cidadãos, homens e mulheres, entre 25 e 30 anos, integrantes das classes C e D. Falou-se primeiro de Fernando Henrique Cardoso: “*é um oportunista. Usou o governo para fazer o plano. Ele ganha e o plano faz água*”. Outro participante respondeu: “*sem economia estável ninguém faz nada, a maioria conhece Fernando Henrique como ministro. Não tem jeito de esquecer o plano*”<sup>115</sup>.

Ao questionar os eleitores sobre Lula, um deles ressaltou: “*gosto do PT, mas tenho medo de que no poder Lula deflagre a greve geral. Tenho medo de golpe militar. Por isso estou com o pé atrás*”<sup>116</sup>. Essa afirmação representa uma das idéias associadas ao PT, e conseqüentemente a Lula, a rebeldia, a intolerância, a inflexibilidade da esquerda, o temor de um retrocesso ao militarismo caso ele chegue ao poder.

Quando perguntados sobre Fernando Henrique, os participantes demoraram “um minuto e trinta segundos” para responder “que não tem jeito de esquecer o plano”. Ao perguntar sobre Lula, a resposta teria sido rápida: “gosto do PT, mas tenho medo”. O tempo torna-se relevante, pois indica que em relação ao PT o cidadão tinha um conceito já previamente bem formado, respondendo rapidamente. Logo em seguida, o semanário complementa a informação: “*armazém de grandes segredos, essas pesquisas são uma caixa-*

---

<sup>114</sup> (nº 1351, p. 29)

<sup>115</sup> (nº 1351, p 31)

<sup>116</sup> (nº 1351, p 31)

*preta. Ali estão escondidos os defeitos que um candidato sabe que possui*<sup>117</sup>. No caso de Fernando Henrique não foi mencionado nenhum problema maior, a não ser o seu oportunismo no Ministério da Fazenda com o lançamento do *Real*. Entretanto, quando perguntados a respeito de Lula é possível inferir que “o PT brilha e assusta” (VER ANEXO 9).

Na mesma edição em matéria sobre a possível futura primeira dama, dona Ruth Cardoso, esposa de Fernando Henrique, uma teia de elogios é tecida sobre ela. Filha única de um contador e de uma bióloga de Araraquara no interior de São Paulo. Ruth mudou-se para a capital aos 19 anos decidida a cursar filosofia na USP. Veja constata: “*com dinheiro contado morou por um ano num pensionato*”<sup>118</sup>. Dona Ruth teria conhecido Fernando Henrique na fila para se inscrever no vestibular em 1951, dois anos depois estavam casados. O semanário ainda revela que durante a faculdade ela “*trabalhava como assistente no setor de recursos humanos da USP*”<sup>119</sup>, enquanto Fernando Henrique só estudava. E utilizando as palavras de Arthur Gianotti, amigo do casal, revela: “*ela era muito paparicada na faculdade, bonita, inteligente e ainda sustentava o marido*”.

Entre as muitas qualidades atribuídas a Ruth Cardoso estaria a capacidade de conciliar a vida doméstica com a de intelectual: “*a vida caseira lhe proporciona um prazer imenso. Ela é capaz de passar o domingo inteiro na frente da televisão, comendo geléia com tangerina e falando bobagem e, no dia seguinte, coordenar uma mesa de debates entre intelectuais*”<sup>120</sup>. Mas sem dúvida, a contribuição mais importante na definição da personalidade de Ruth Cardoso viria das próprias hostes do PT.

Segundo Francisco Weffort, um dos coordenadores da campanha de Lula, ex-aluno de Ruth e Fernando Henrique, ela seria uma “*mãe coruja com os filhos e uma avó ainda mais dedicada com os netos e gosta de cuidar da casa*”<sup>121</sup>. Francisco Weffort teria convivido com o casal durante o exílio no Chile. Encerrando a matéria, o semanário alega o que seria o maior prazer de Dona Ruth: “*um dos maiores prazeres da antropóloga, por sinal, é a cozinha, onde gosta de se dedicar durante horas preparando um leitão pururuca ou mesmo uma iguaria mais exótica, tatu assado*”.

Ao representar dona Ruth Cardoso como mãe e avó, o semanário tenta aproximá-la do cotidiano da maioria das brasileiras. Ao mostrá-la preocupada com o bem estar da sua família, o semanário humaniza a personagem, que está por trás de uma das

---

<sup>117</sup> (nº 1351, p. 31)

<sup>118</sup> (nº 1351, p. 41)

<sup>119</sup> (nº 1351, p. 41)

<sup>120</sup> (nº 1351, p. 41)

<sup>121</sup> (nº 1351, p. 41)

principais figuras políticas do momento, o candidato Fernando Henrique. Um de seus maiores prazeres é a cozinha, no qual ela possui muito talento, segundo a revista. Preocupada com os assuntos banais do dia-a-dia, não descarta o lado profissional. A tentativa de *Veja* é angariar simpatia do leitor/leitora para a simples dona de casa, esposa do candidato, e conseqüentemente para o próprio Fernando Henrique. Na realidade, esse é mostrado como tendo uma excelente esposa e uma boa base familiar. Nenhuma outra esposa de candidato mereceu a atenção dispensada a Ruth Cardoso, que como a revista citou, é elogiada até pelo partidário do candidato rival.

Na primeira quinzena de agosto, Fernando Henrique sentindo os efeitos do *Real* ultrapassa Lula nas pesquisas de intenção de voto. Faltavam sete semanas para o primeiro turno e pela primeira vez com 36% das intenções de voto contra 29% de Lula, o candidato tucano começa a pensar na possibilidade de vencer Lula já no primeiro turno. FHC menciona: “*quero é vencer nem que seja nos pênaltis, afirma o próprio Fernando Henrique. Mas do jeito que está pode ser até que dê no primeiro turno*”<sup>122</sup>. A nova moeda o *Real*, implantado em julho, rendia agora seus frutos.

A nova moeda fabricou a popularidade de Fernando Henrique que se mostrou capaz de dar coesão a um imenso bloco de forças que, de uma forma ou de outra sempre esteve à frente do governo do país. Aliou-se ao PFL, ganhou apoio de emissoras de televisão, com a Globo a frente, e o cofre de empresários. (...) Essa situação ajuda a explicar o desmoronamento de Lula. Em nenhum país do mundo se viu um candidato com perfil de esquerda, como o seu, sair-se bem em eleições, a não ser quando se instala uma situação de crise. (nº 1353, p. 32).

Aliado ao crescimento de seus índices nas pesquisas, Fernando Henrique observa a queda drástica de Lula. Sobre esse assunto, *Veja* justifica que “a esquerda só se sai bem em eleições quando existe uma situação de crise”. A questão que abalava o semanário era até quando o *Real* ajudaria, “*uma questão dramática, portanto, é saber até quando a nova moeda continuará a jogar o candidato para cima, com o mesmo impulso, ou se antes da reta final estará esgotada em sua função de trampolim eleitoral*”<sup>123</sup>.(nº 1353, p.31).

---

<sup>122</sup> (nº 1353, p. 30)

<sup>123</sup> (nº 1353, p. 31)

#### 4.6 O preferido de *Veja*

Antes que o *Real* esgotasse sua função, o próprio semanário se encarregaria de manter o crescimento da candidatura de FHC, de maneira que não houvesse o segundo turno. Isso se verificaria na edição de nº 1354 do final de agosto, em que o candidato tucano seria a manchete de capa. Com uma foto sua com ar professoral na capa (VER ANEXO 11), tendo como título “*O Brasil segundo Fernando Henrique*”, o semanário destaca as idéias do candidato sobre o país em frases subscritas ao título: “*não somos mais um país subdesenvolvido. Somos um país injusto*”, e “*o próximo presidente irá encontrar a economia mais em ordem e em crescimento. Não haverá recessão*”, e ainda “*o país, só tem um projeto forte: ser mais humanitário*”.

Na capa do semanário já temos um rápido perfil do que pensa Fernando Henrique a respeito do Brasil, ou seja, sua preocupação com as mazelas do povo. A esse respeito, *Veja* expõe duas frases de FHC representando a idéia de apelo social. Em suas palavras, o Brasil seria “um país injusto” e precisaria ser “mais humanitário”. Quanto à economia ele ressalta, o próximo presidente independente de quem for “irá encontrar a economia em ordem”, numa referência ao seu Plano Real.

Em uma extensa entrevista comandada pelos jornalistas Tales Alvarenga, Paulo Moreira Leite, Expedito Filho e Roberto Pompeu Toledo, Fernando Henrique responde a mais de quarenta perguntas sobre diversos assuntos, economia, privatização, previdência e até sobre a aliança feita com o PFL. Nas páginas da matéria, há fotos de FHC (VER ANEXO 12), descontraído, gesticulando muito, transparecendo calma e tranqüilidade. Sobreposto a entrevista e as fotos, o título “*Viagem às idéias do líder nas pesquisas*”<sup>124</sup>. Para realizar a entrevista, *Veja* deslocou seu principal time de editores de política com o objetivo de sabatar Fernando Henrique. É importante ressaltar a preferência dada ao candidato tucano por parte do semanário, sendo que nenhum outro candidato, nem mesmo Lula, com seus 42% no início da campanha, mereceu tamanha atenção dispensada a Fernando Henrique.

*Veja* coloca em destaque o trecho da entrevista que segundo nosso ponto de vista resume o que o semanário quer transmitir através do discurso de Fernando Henrique: “*ganha-se eleição no Brasil, hoje, inspirando confiança, crença. O próximo presidente não vai assumir num momento de desalento, como no impeachment, mas de esperança. A economia está mais em ordem, o mundo está crescendo. Nem sempre você pode fazer as coisas da*

---

<sup>124</sup> (nº 1354, p. 21)

*História. Há momentos, brechas. Temos uma boa brecha no Brasil hoje*<sup>125</sup>. O primeiro trecho FHC refere a Lula, o que foi verificado no capítulo anterior<sup>126</sup>. Para *Veja*, o candidato petista “não inspirava confiança”. A referência de que o próximo presidente assumirá um momento de “esperança” remete ao plano econômico o *Real*, que teria “arrumado a economia”. Por último, teríamos “uma brecha para fazer a história” com a sua eleição.

A edição nº 1360, que chegou nas bancas no dia da eleição do primeiro turno, traz uma pesquisa acerca do eleitorado brasileiro. O que pensam os eleitores sobre os dois primeiros colocados? Conforme descrito no capítulo três<sup>127</sup>. Em outra matéria, o semanário especula acerca do que poderiam fazer os candidatos caso fossem eleitos: “*é muito longa as promessas de campanha e o dia-dia de um presidente da República*”<sup>128</sup>. No caso de Lula, o semanário relata que dada a sua situação nas pesquisas, fazer uma análise de um possível governo seu seria “*um exercício de mera especulação inútil*”<sup>129</sup>.

Quanto a Fernando Henrique, o semanário destaca: “*é certo que existe a possibilidade de uma surpresa de última hora. E (...) não se pode descartar completamente que as pesquisas de opinião estejam erradas. Mas afastando-se essas duas possibilidades, na noite de 3 de outubro Fernando Henrique será aclamado o novo presidente da República*”<sup>130</sup>. Para isso, a revista alerta que no dia seguinte começam os problemas reais infinitamente mais graves de um futuro presidente da República, o maior seria o controle da inflação, que tinha sido dominada pelo Plano Real, mas dava sinais de retorno. A esse problema o candidato dizia “*vamos agir com dureza diante dessas pressões*”<sup>131</sup>.

A dureza seria a diminuição das alíquotas de importação e o aumento dos juros<sup>132</sup>, ao que o semanário questiona: “*são remédios de eficiência comprovada. Mas não bastam. Há muitos outros necessários e sua aplicação exige decisão firme e apoio político. Nada disso está garantido. O que Fernando Henrique demonstrou durante a campanha é que sabe a natureza dos problemas brasileiros. Se será capaz de enfrentá-los, a experiência dirá.*”<sup>133</sup>.

---

<sup>125</sup> (nº 1354, p. 23)

<sup>126</sup> Quanto mais clara se torna a vantagem de Lula no Ibope, mais nebulosas ficam suas possíveis linhas de ação no governo. (nº 1344, p. 39).

<sup>127</sup> Cap III, p. 40 “O eleitor brasileiro (...) Não acredita em salvadores da pátria.” (nº 1360, p. 31)

<sup>128</sup> (nº 1360, p. 46)

<sup>129</sup> (nº 1360, p. 49)

<sup>130</sup> (nº 1360, p. 47)

<sup>131</sup> (nº 1360, p. 47)

<sup>132</sup> Duas receitas conhecidas. Uma é diminuir alíquota de importação. Sob o risco de quebrar diante da concorrência estrangeira, o empresário segura os preços. A outra é elevar os juros, impedindo as compras a prazo. (nº 1360, p. 47)

<sup>133</sup> (nº 1360, p. 47)

A partir deste momento, o semanário não questiona mais se Fernando Henrique pode ou não ganhar a eleição, mas passa a conjecturar como será seu futuro governo. E o principal questionamento é se Fernando Henrique conseguirá enfrentar os problemas que demonstrou conhecer na campanha.

A vitória de Fernando Henrique em 3 de outubro não foi uma surpresa para *Veja*. Ele mereceu a capa do semanário na edição nº 1361 (VER ANEXO 13). A forma “como o intelectual virou chefe de Estado”, a revista conta em uma matéria de trinta e cinco páginas, descrevendo trechos da vida de Fernando Henrique. Já em seu editorial destaca “*Veja sai mais cedo nesta semana para contar a seus leitores quem é o presidente, como foi a campanha por dentro e as conseqüências da maior eleição da História do Brasil*”<sup>134</sup>. As idiosincrasias do agora presidente são retratadas de forma natural e bem humorada. Fernando Henrique, um notório pão duro, é acusado de guardar as sobras da pizza saboreada durante a entrevista com o jornalista Expedito Filho da revista *Veja*.

O tom da reportagem é de comemoração pela eleição de Fernando Henrique Cardoso, *Veja* faz um retrospecto da sua vida, colocando FHC sempre presente nos momentos mais importantes da História do Brasil e também do mundo. Na seqüência, relata um episódio que teria ocorrido com Fernando Henrique quando ele dava aulas na França: “*como faz sempre quando fala num auditório grande FHC escolhia dois ou três alunos em quem apoiar o olhar. Um deles era um garoto de cabelos de fogo. Daniel Cohn-Bendit*<sup>135</sup>”, referindo-se ao lendário líder dos estudantes franceses nas revoltas de maio de 1968.

A revista relata que encorajado pela proximidade do olhar do professor, Daniel resolve pedir ajuda a FHC. Cohn-Bendit explicou seu problema, ou seja, “numa visita do Ministro dos esportes da França a Nanterre para a inauguração de uma piscina teria feito uma bravata dizendo que fazer esporte em vez de fazer amor era uma espécie de nazismo” e por isso estava sendo processado. Nessa situação, ele perguntou se “*FHC não teria meios de interceder por ele? Fernando Henrique disse que não, mas levou o caso a Touraine, que acabou livrando Cohn-Bendit da punição*”<sup>136</sup>. Adicionalmente, a revista complementa que se Fernando Henrique não tivesse intercedido por Cohn-Bendit, o estudante, por ser de nacionalidade alemã, teria sido expulso da França, “*expulso o líder não teria havido maio de 1968. Logo, FHC é responsável pelo maio de 1968*”<sup>137</sup>.

---

<sup>134</sup> (nº 1361, p. 27)

<sup>135</sup> (nº 1361, p. 47)

<sup>136</sup> (nº 1361, p. 47)

<sup>137</sup> (nº 1361, p. 47)



O semanário destaca três momentos específicos da vida de Fernando Henrique. Em 1964, quando vai exilado para o Chile, em 1968, quando aceita um convite do sociólogo Alain Touraine para ir à França trabalhar como professor da faculdade de Nanterre e se envolve no episódio descrito anteriormente. E em 1978, quando resolve candidatar-se a uma vaga de senador pelo Estado de São Paulo pelo PMDB. Quanto à campanha para o Senado de 1978, *Veja* destaca: “FHC foi um vitorioso, ou melhor, foi um bem sucedido perdedor naquela campanha. Previsivelmente, quem foi eleito foi Montoro, mas a Fernando Henrique coube um honroso segundo lugar, com o expressivo total de 1,3 milhão de votos”.<sup>138</sup>.

Mesmo perdendo a campanha para o Senado, FHC seria um vencedor, pois teria sido nesse momento que o intelectual Fernando Henrique Cardoso teria virado político.

Depois dos momentos cruciais de 1964 e 1968, tem-se, com esse relato de 1978, como nasceu o político Fernando Henrique. O resto está fresco na memória: sua participação na campanha das diretas, na eleição de Tancredo Neves. Se ele mudou ou foi sempre o mesmo, se era de esquerda e de deixou de ser, se não era político e de repente, começou a sê-lo, ou se, ao contrário, essencialmente sempre foi um político, conclua-se como se quiser. Aqueles três momentos decisivos fornecem os fatos mais importantes.(nº 1361, p. 55)

Enfim, o semanário descreve a trajetória de Fernando Henrique e ressalva que ele sempre foi um político, mesmo antes de se candidatar ao Senado. E que a prova disso estaria na sua obra, pois teria “*uma trajetória acadêmica feita com idéias e análises sociológicas mas sempre de cunho político*”<sup>139</sup>.

A personalidade de FHC, exaltada nesta edição, transmite a idéia de comemoração por um projeto político que saia vitorioso nas eleições de 1994. Projeto político que aglutinou em seu entorno grande parcela do empresariado e da elite política nacional. E o apoio dado por *Veja*, velado ou não, pareceu contribuir plenamente para esta vitória.

---

<sup>138</sup> (nº 1361, p. 55)

<sup>139</sup> (nº 1361, p. 56)

## CONCLUSÃO

Este trabalho tratou da construção/desconstrução de figuras públicas da política brasileira. Para concluir foram analisados editoriais e passagens do semanário *Veja* que cobriram os períodos correspondentes à nomeação de Fernando Henrique Cardoso, em 26 maio de 1993, até a semana posterior as eleições para presidente da República em 12 de outubro de 1994. Procuramos responder basicamente as seguintes questões: Em um primeiro momento, que sentidos se procura construir quando há referências a Fernando Henrique Cardoso nas matérias das edições analisadas no ano de 1993, quando o mesmo era Ministro da Fazenda? Como o semanário reportou Luís Inácio Lula da Silva, no decorrer do ano eleitoral de 1994, tendo em vista que ele era o principal representante da esquerda no processo sucessório? A terceira pergunta, e questão síntese de nosso trabalho é, que sentido é construído sobre a figura de Fernando Henrique Cardoso, na linguagem da revista *Veja* no ano de 1994, como ministro à frente da pasta da Fazenda e posteriormente como candidato à presidência.

A partir das indagações acima mencionadas, as quais nortearam a presente pesquisa empírica, encontramos respostas que nos demonstram o posicionamento político de *Veja* no período referido. A resposta a primeira e a terceira questão podem ser encontradas na capa da edição de nº 1289 (VER ANEXO 1). Nessa capa, Fernando Henrique aparece por ocasião da sua nomeação para o posto de Ministro da Fazenda, tendo sua foto subscrita pela frase “Grande Tacada”. Era o início de um projeto político que se estenderia no decorrer do ano de 1993 e ano subsequente e culminaria com a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a presidência da República.

A segunda questão abordada neste trabalho foi verificada a partir da análise dos textos do semanário. Durante a pesquisa, observamos que ao mesmo tempo em que Fernando Henrique tinha sua imagem construída positivamente por *Veja* no ano eleitoral de 1994, Luís Inácio Lula da Silva se tornava presença constante nas matérias sobre política. Quase sempre, sendo representado de forma negativa. A reportagem mais notável na construção de sentido negativo, notamos na capa da edição nº 1344 (VER ANEXO 9). A representação obtida na capa mostra o desenho da estrela símbolo do Partido dos Trabalhadores e abaixo dela está inscrita a seguinte questão “Por que o partido de Lula brilha e assusta?”. A resposta a esta questão o semanário forneceu, atribuindo ao PT certa confusão ideológica, vinculando o

partido aos movimentos sociais mais extremos. Esse modo de apresentação serve eficazmente para advertir o leitor sobre o radicalismo de esquerda do partido.

Com isso em mente, faz-se necessário entender os mecanismos utilizados por *Veja* na construção dessas duas figuras políticas. A neutralidade é a questão principal que dá credibilidade a um meio de comunicação de massa, por isso a revista deve ter como requisito básico transmitir imparcialmente suas informações para que o leitor assimile a informação e a julgue da maneira que achar conveniente. Há um esforço do semanário de se colocar fora das questões políticas, utilizando como sujeitos enunciadorees terceiros que não o próprio semanário. Ao emitir juízo de valor muitas vezes recorria às palavras de terceiros como enunciadorees de opinião para relatar o que seria sua própria posição.

Desse modo, podemos citar como exemplo as seguintes passagens: para confirmar sua tese de que Lula seria uma incógnita caso chegasse ao poder, *Veja* utilizou as palavras de entrevistados numa pesquisa de opinião “*quero votar no Lula, mas ouço muito comentário de que, se ele se eleger, seis meses depois os militares tomam conta*”<sup>140</sup>. Em outra passagem, *Veja* se utiliza das palavras do ex-embaixador no Brasil em 1964 Lincoln Gordon que teria afirmado “*Lula tem um ótimo discurso mas será um desastre administrando*”. Em ambas as passagens, a criação de sentido em torno da figura de Lula tem conotação negativa.

Da mesma maneira, ao demonstrar apoio ao plano econômico de Fernando Henrique, que sofria críticas, a revista utiliza a tática de opinar através do discurso de terceiros. A revista cita as palavras de Antônio Carlos Magalhães: “*ele [FHC] não tem de consultar o congresso, nem os governadores, nem seus colegas ministros. Tem de apresentar um plano de cortes ao presidente e mais nada*”<sup>141</sup>. Essas passagens, anteriormente analisadas, servem para demonstrar de que maneira o semanário articula seu discurso, mostrando ao leitor uma imparcialidade que na realidade não existe, está apenas disfarçada.

No decorrer do ano de 1993, descrito no segundo capítulo, o semanário constrói nas matérias analisadas uma imagem positiva em torno de FHC, apresentando o ministro como a melhor alternativa para o destino do país. De fato, enaltece a figura do intelectual e prestigia o político, claramente apostando na sua futura candidatura. Ele é descrito como a “melhor escolha de Itamar” para o cargo de Ministro da Fazenda. *Veja* sugere que FHC poderia ser candidato em 1994. As críticas que são feitas ao plano econômico após seu lançamento são endereçadas ao governo, dissociando-as da figura do ministro. Duas edições

---

<sup>140</sup> (nº 1360, p. 35)

<sup>141</sup> (nº 1290, p. 19)

depois do lançamento do plano, a revista parece aderir ao projeto político contido no mesmo e passa a pressionar o Congresso para que aprove as medidas necessárias.

As principais referências positivas à imagem de FHC podem ser resumidas nas seguintes expressões: em relação ao governo ele seria a “Grande tacada”, “aquele que vai desanuviar o ambiente”. Para a população, seria “a esperança em dias melhores”, o “professor”, o “superministro”, “o anjo da guarda do Planalto”, uma pessoa “sincera”, “preocupada com as mazelas sociais”. Entre as suas características pessoais, destacamos o seguinte conjunto lexical: “intelectual brilhante”, “sabedoria em ver a história”, “preparo acadêmico, habilidade política e credibilidade”. Na sua relação com a mídia teria “os olhos tranqüilos nas câmeras de TV” e grande “capacidade de diálogo”. E o mais importante para o semanário, teria feito “o melhor de todos os planos econômicos produzidos no Brasil”. Esta seleção de citações extraídas do semanário, que foram analisadas no decorrer do capítulo II, demonstram de maneira clara como *Veja* reportou Fernando Henrique no ano de 1993, preparando a sua futura candidatura.

A construção da imagem de Luís Inácio Lula da Silva feita pelo semanário no ano de 1994, descrita no capítulo três, está inserida dentro do projeto político analisado e efetivado pela *Veja* como órgão de manipulação das massas. Ao eleger Fernando Henrique como seu candidato para a sucessão de Itamar Franco, fazia-se necessário observar quais seriam seus principais adversários.

Nesse contexto, Lula era o que claramente possuía chances reais de chegar à presidência. Em janeiro de 1994, Lula despontava com 32% das intenções de voto, mais que o dobro do segundo colocado Maluf com 13%, seguido pelo então Ministro FHC com 10%. A preocupação do semanário seria Lula se transformar em alternativa para os eleitores descontentes com a classe política. Em um primeiro momento, o semanário questiona as elites sobre “quem teria cacife eleitoral para enfrentar Lula”. Para posteriormente construir a imagem do PT como sendo um partido “radical”, associando-o a “desordem social” e a movimentos de esquerda como os “sem terra” e as “centrais sindicais”.

*Veja* em seu discurso apresenta o PT dividido entre duas vertentes, uma radical de esquerda, e outra mais moderada. Dessa forma, torna ainda mais negativa a figura de seu candidato Lula. Envolto em uma confusão ideológica, disposto a virar “social democrata do dia para noite”, ele passa a rejeitar bandeiras históricas do PT, como o não pagamento da dívida externa e a intromissão do Estado na economia. Dessa maneira, *Veja* reporta sua visão anti-Lula/anti-petista através de expressões como: “sapo barbudo”, “confuso reformista” e “nostálgico”. Descrevendo claramente que Lula “não é um candidato que tranqüiliza”. Essa

seleção lexical demonstra a imagem que o semanário constrói acerca do candidato petista no interior de suas páginas. Nessas condições, a revista tenta afastar a possibilidade de no futuro termos um governo petista, e o país cair na “desordem” e “desagregação social”.

Finalmente, o exame das expressões concernentes a Fernando Henrique Cardoso veiculadas na *Veja* no ano de 1994 indicam a formação de sentidos positivos em torno dele. Fernando Henrique encampa um projeto político de cunho conservador, visto que representa a continuidade do antigo governo, apesar de conter em seu bojo ideais modernizadores, principalmente no que diz respeito à economia. A adoção deste projeto político por parte do semanário está implícita através da abordagem que é dada a seu personagem central Fernando Henrique Cardoso, no decorrer das suas páginas.

Remetendo a este apoio podemos citar os termos com que ao longo de todo o período, *Veja* circunda o nome de Fernando Henrique, como “paciente” e “preocupado” (com os problemas reais da nossa economia), o “estrategista” (preparado para a batalha contra a inflação), ele seria “a esperança”, pois “saberia a natureza dos problemas brasileiros”. Outra estratégia muito utilizada por *Veja* é transcrever citações do próprio Fernando Henrique Cardoso, desta maneira podemos destacar algumas citações que demonstram a sintonia do candidato com o semanário: “Quero ser presidente do Brasil porque acho que sou o mais bem capacitado entre os que estão na disputa”, e ao ser questionado da possibilidade de vencer no primeiro turno teria dito: “Quero vencer nem que seja nos pênaltis”.

Finalmente a grande prova do apoio dado pelo semanário. Fica explícito na matéria de capa da edição nº 1361 (VER ANEXO 13), na forma como é abordada a vitória de Fernando Henrique, representando tacitamente um tom de comemoração. A reportagem descreve “como o intelectual virou chefe de estado”, em uma matéria de trinta e cinco páginas descrevendo trechos da vida de FHC.

Para confirmação das hipóteses, reconhecendo-se *Veja* como um dos veículos do projeto político personificado por Fernando Henrique, tem-se obrigatoriamente que o semanário buscou construir positivamente a imagem de FHC. Essa imagem foi efetivada a partir de discursos articulados ideologicamente, de forma que viessem a interpelar o público alvo do semanário para ver FHC como a melhor escolha política para o governo. Ou seja, Fernando Henrique foi construído como político capaz e competente o suficiente para tomar em suas mãos os destinos do país.

Desta maneira buscamos contribuir para o interessante debate sobre a relação da mídia e política. Nos dias atuais em que cada vez mais a construção da democracia é pautada muitas vezes pelo olhar crítico do “Quarto poder”, a mídia, que de tempos em tempos trazem

a tona denúncias de todos os tipos. Se faz necessários termos a consciência crítica para não nos iludirmos. Convém aqui lembrar que os meios de comunicação, dos quais a revista *Veja* no Brasil é um expoente, constituem-se em poderosos instrumentos de manipulação e de persuasão, sendo na atualidade os maiores formadores de comportamentos, hábitos, atitudes e opinião. A partir daí, conclui-se que a mídia colabora como nenhum outro tipo de controle social para o processo de massificação da sociedade. O resultado é que temos cada vez mais uma sociedade de massas e menos uma sociedade de públicos seletos e capazes de opinião própria. Este fenômeno pode explicar a força do “Quarto Poder”, ou seja, da mídia, cuja força política repousa no fato de que é capaz de dar “vida” ou “morte” aos políticos.

## BIBLIOGRAFIA

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso. História e Literatura.** São Paulo: Ática, 1995.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI; Nicola, PASQUINO; Gianfranco. **Dicionário de política.** 12 ed. Brasília: UnB, 2002.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia.** 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALHEIRI, Alceu. **Veja e/o novo PT: O histórico das conversões pelas palavras de um dos convertidos.** 90f. Monografia (Especialização em Pensamento Político Brasileiro). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso.** 2 ed. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma Crítica a Afirmação do Óbvio.** Campinas: Unicamp, 1988.

PEREZ, Reginaldo Teixeira. **Veja; Um veículo de transição. Análise da construção de um projeto político (1984-1985).** 206f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 1988.

\_\_\_\_\_. **Veja a democracia: palavras e imagens como fatores de intermediação política (1984-1998)** In: XXV Encontro anual da ANPOCS, 2001, Caxambu. Anais Eletrônicos... Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/encontro/2001/01st05.htm#32>>. Acesso em 22 de nov. 2005.

\_\_\_\_\_. **A classe política e as regras do jogo,** Diário de Santa Maria, Santa Maria, 4 de Set. de 2005, p. 14-15.

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, ed. 1289/1361, maio 1993/ outubro 1994.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil.** São Paulo: Scipione, 2001.

WEBER, Max. **Ciência e Política. Duas vocações.** São Paulo: Martin Claret, 2004.